



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**UMA METACRÍTICA DE “AS BELAS MENTIRAS – A IDEOLOGIA SUBJACENTE
DOS TEXTOS DIDÁTICOS”, DE MARIA DE LOURDES CHAGAS DEIRÓ
NOSELLA**

JÚLIA REINO DE SOUZA

**BRASÍLIA
DEZEMBRO DE 2017**

JÚLIA REINO DE SOUZA

**UMA METACRÍTICA DE “AS BELAS MENTIRAS – A IDEOLOGIA SUBJACENTE
DOS TEXTOS DIDÁTICOS”, DE MARIA DE LOURDES CHAGAS DEIRÓ
NOSELLA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

**BRASÍLIA
DEZEMBRO DE 2017**

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Doutor Bráulio Tarcísio Porto de Matos(Examinador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora MagalisBesser Dorneles Schneider (Examinadora)
Universidade Federal de Tocantins

Professor Doutor Bernardo Kipnis
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (suplente)

BRASÍLIA
DEZEMBRO DE 2017

À Virgem Maria, que me tem como
escrava e possui o pleno direito de dispor
de mim e de todos os meus bens para
maior glória de Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, pela sua infinita misericórdia e sustento para fortalecer minha caminhada.

Agradeço à Virgem Maria, como mãe que me acolhe em seu colo nos momentos mais difíceis e guia sempre os meus passos.

Agradeço à minha mãe, Carmen, por todo o sacrifício na minha criação, pelo apoio incondicional em tudo o que preciso, pela ajuda com meu filho e tudo o que fez e faz por mim. Sem ela nada disso seria possível.

Agradeço ao meu pai, Luiz, que sempre deu seu melhor para mim, mesmo com a distância física entre nós, sempre me apoiou, deu carinho e estrutura para minha trajetória.

Agradeço ao meu filho, Luís Felipe, que veio na hora certa para me dar sentido à vida e não me deixar desistir de tudo. Mostrou-me como ser melhor a cada dia.

Agradeço ao meu Tio Geno, que sempre foi um pai pra mim. Além de me proporcionar momentos únicos, ele me passou os valores mais sinceros que uma pessoa pode ter, grande exemplo de vida. Hoje acompanha lá do céu minhas conquistas e continua sendo inspiração para mim.

Agradeço aos meus avós Emília e Emiliano e meus primos Matheus, Samuel e Letícia, pelas melhores memórias da minha infância.

Agradeço meus amigos, pelos momentos de paz que me proporcionaram durante este processo.

Agradeço a todos os meus professores que me transmitiram tanto conhecimento e servem de exemplo para mim hoje.

Agradeço ao Colégio Marista Pio XII, pela grandiosa experiência que me proporcionou na área de alfabetização. Em especial às professoras Nete e Leila, que, com muito carinho, me ensinaram diariamente essa profissão de amor.

Agradeço ao Projeto Escola Sem Partido pela sua luta em favor de uma Escola que faça seu papel de ensinar e não educar doutrinando. Foi inspirador para o nascimento desse trabalho.

Agradeço a meus orientadores, que foram luzes desde o início da graduação. Professora Paula, que depositou toda a sua confiança em mim e, com todo o seu carinho, fez com que eu me sentisse capaz.

E professor Bráulio, por todo o tempo dedicado a mim durante este trabalho e por compartilhar comigo um pouco de sua imensa sabedoria. Exemplos que levarei por toda a minha vida.

Agradeço ainda aqueles amigos, familiares e demais pessoas de minha convivência que não foram citados diretamente. Mas foram presentes e contribuíram de alguma forma para minha formação.

“Educação diz respeito à disciplinarização das vontades e dos seus desejos. O ensino, à inscrição das novas gerações no patrimônio comum dos saberes que fomos inventando. Nele reside o brilho da escola.”
(Olga Pombo)

“A intenção deles pode ser a de varrer para longe os valores tradicionais e dar início a um novo repertório.”
(C. S. Lewis)

“A prova de toda felicidade é a gratidão.”
(G.K. Chesterton)

SOUZA, Júlia Reino. **Uma metacrítica de “As Belas Mentiras – a ideologia subjacente dos textos didáticos”, de Maria de Lourdes Chagas DeiróNosella.**

RESUMO

Considerando a forte influência marxista na pedagogia brasileira, especialmente no livro *As Belas Mentiras* de Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo fazer uma metacrítica da obra. Para isso, reconhecemos pontos importantes da teoria marxista, que embasam a interpretação da autora, bem como de autores com opiniões contrárias. Partindo dessas informações fazemos um balanço através de análise bibliográfica. Constatou-se então, uma distância entre a análise da autora e a realidade apresentada nos textos e as características de nossa sociedade. Além disso, percebeu-se que a crítica de Nosella não é em relação à ideologia burguesa, mas ao conservadorismo. A autora tende, então, a excluir os valores tradicionais para inserção de novos valores.

Palavras-chave: Ideologia; Crítica ao marxismo; Livro Didático.

ABSTRACT

Considering the huge marxist influence in the brazilian pedagogy, especially in the book *As Belas Mentiras* of Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella, this completion of course work has as objective to do a metacritical of the book. For this, we recognize important points of marxist theory, that underlie the author's interpretation, as well as authors with contrary opinions. From this information, we make a review through bibliographic analysis. It was found, therefore, a distance between the author's analysis and the reality presented in the texts and the characteristics of our society. Moreover, it has been realized that Nosella's criticism is not in relation to bourgeois ideology, but to conservatism. The author tends to exclude traditional values for insertion of new values.

Key-words: Ideology; Criticism of Marxism; textbook.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
PARTE I - MEMORIAL.....	13
PARTE II – MONOGRAFIA.....	19
1 INTRODUÇÃO E OBJETIVOS.....	19
2. A TEORIA MARXISTA DA IDEOLOGIA.....	22
2.1 Dicionário Crítico de Raymond Boudon e François Bourricaud.....	22
2.2 Conceito de Ideologia de Marx.....	23
2.3 A teoria de Gramsci, Sorel e Althusser.....	23
2.4 Realidade no Brasil.....	28
2.5 Balanço crítico: Daniel Bell, Boudon e Bourricaud.....	29
3. A TESE DE MARIA NOSELLA.....	31
3.1 Introdução.....	31
3.2 A Família.....	33
3.3 A Escola.....	35
3.4 A Pátria.....	36
3.5 O Ambiente.....	37
3.6 O Trabalho.....	38
3.7 Os Pobres e os Ricos.....	39
3.8 As Virtudes.....	40
3.9 As “Explicações Científicas”.....	40
3.10 O Índio.....	41
3.11 Capas e Ilustrações.....	41
3.12 Conclusão.....	42
4. A METACRÍTICA DO LIVRO DE NOSELLA.....	43
4.1 Metodologia.....	19
4.2 O conceito de Ideologia.....	43
4.3 Distância entre Nosella e o próprio Marxismo.....	46
4.4 Conservadorismo.....	48

4.5 Interpretação das Imagens	52
4.6 Maturidade das Crianças	58
4.7 Atual análise com o Programa Nacional do Livro Didático.....	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
6. REFERÊNCIAS.....	66
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	68

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é resultante do processo de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia, e se constitui na atividade principal do Projeto 5, Trabalho Final de Curso, ofertada pela Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília (UnB), realizada no segundo semestre de 2017, sob orientação acadêmica da professora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

Nesse sentido, encontra-se dividido em três partes: memorial, no qual resgato informações da minha trajetória escolar e acadêmica; monografia, em que desenvolvo o tema de pesquisa proposta; e o projeto de vida profissional, espaço em que são apresentadas as perspectivas pessoais e profissionais de atuação.

PARTE I - MEMORIAL

Meu nome é Júlia Reino de Souza e farei um pequeno memorial mostrando minha trajetória de vida destacando o desenvolvimento escolar e acadêmico. Nasci em Recife no ano de 1994, mas com apenas dois anos me mudei para Brasília com meus pais pois meus avós maternos estavam doentes e precisavam da minha mãe por perto.

Morávamos juntos com meus avós e tios na Asa Sul e logo fui matriculada no Colégio Pio XII bem próximo a minha casa, então todos os familiares que moravam comigo fizeram parte dessa etapa da minha vida. Tenho grandes lembranças da minha avó me buscando na escola e voltávamos andando cantando músicas e parando nas árvores para pegar frutas. Também fui muito próxima do meu avô que, mesmo acamado, tinha a paciência de ouvir minhas histórias e tentar entender os jogos que eu queria jogar com ele.

Nessa escola a professora que me alfabetizou me marcou bastante, lembro perfeitamente das brincadeiras na sala para que aprendêssemos as famílias do alfabeto, o bumbum do “b” e a barriguinha do “d”. Tia Tânia me proporcionou uma alfabetização rotulada de tradicional, mas foi tão motivadora que me marca até hoje. Na metade da segunda série saí dessa escola por problemas com a professora, começando de uma discussão sobre o feminino de elefante, a professora passou a me expor para a turma, fazer críticas e não aceitava meus questionamentos. Depois dessa situação ruim fui para uma escola pública.

Essa próxima escola era considerada uma das escolas modelos de Brasília, a Escola Classe 206 sul. Lá com certeza estão minhas maiores inspirações. Cristina, Fernanda e Vera Lúcia foram as melhores professoras que eu poderia ter. Não mediam esforços para criar situações de aprendizagem incríveis com o simples que tínhamos ali. Foi marcante o dia que saímos da escola com pouco dinheiro que conseguimos em casa para ir ao mercado e começar com a noção de dinheiro. Quando passei no caixa não tinha dinheiro suficiente para levar tudo que queria, até hoje calculo bem antes de passar minhas compras. Também tivemos a oportunidade de fazer passeios, a viagem de formatura da 4ª série para o hotel fazenda em Anápolis. As apresentações na hora do intervalo de danças e teatros, banhos de mangueira no período de calor e seca de Brasília.

Em muitas ocasiões as professoras tiravam Xerox e produziam os materiais com seu próprio dinheiro, chegavam a comprar materiais individuais para os alunos. Logo percebi que as condições de trabalho de um professor, especialmente da escola pública, não são das melhores. Mas com elas aprendi também que com dedicação poderiam mudar aquela realidade, estavam ali para dar o melhor, faziam com amor e pensando no próximo.

Lá também pude ter uma convivência com pessoas bem diferentes, meu amigo da Indonésia, que certamente foi o maior choque cultural que tive. Pude conviver com ele, partilhar das dificuldades, principalmente no período de jejum do Ramadan em que ele não comia enquanto todas as crianças estavam lanchando. Estudei também com filhos de grandes políticos com ótimas condições financeiras, morando no prédio em frente à escola. Outras crianças moravam tão distante que pegavam dois ônibus e já chegavam cansados e com fome na escola.

É interessante pensar que nessa época, por volta de 2003, a escola pública ainda tinha uma ótima qualidade. Uma vaga era disputada não só por aqueles que não tinham condições de pagar uma escola. Eu mesma saí de uma escola particular para uma pública pois a qualidade era melhor, muitos colegas também poderiam pagar tranquilamente grandes escolas, mas ali era a melhor referência de ensino.

Agora no fim da graduação tive a oportunidade de voltar a escola para realizar um trabalho da disciplina Didática Fundamental. Encontrei ainda uma das minhas professoras e outros funcionários da época que estudei lá. Voltaram muitas lembranças ótimas, mas também pude perceber as mudanças no decorrer desses anos. Conforme os relatos da direção da escola, o lanche caiu muito a qualidade, os alunos vêm de longe com mais dificuldade, realmente agora apenas os menos favorecidos frequentam e a escola caiu bastante.

Como a escola só tinha até a 4ª série, depois éramos encaminhados para a escola 405 sul. Lá só estudei até as férias do meio do ano, em julho consegui uma vaga no Colégio Militar Dom Pedro II, onde estudei desde a metade da 5ª série até a conclusão do ensino médio em 2011.

Foi uma mistura de medo e alegria. Sabia que seria muito melhor para mim, mas por ser militar a gente sempre ouve demais e fica assustado pensando que vai ser uma prisão.

Triste ouvir isso das pessoas, até mesmo no ambiente da faculdade ouvi atrocidades sobre colégios militares. Se eles tivessem a oportunidade de conhecer de perto e ver os benefícios que escolas possuem poderiam até ser mais difundidas.

Foi um mundo de descobertas, tive muita dificuldade no início com a socialização, o acompanhamento cognitivo e para entender as normas internas. Muito disso se deu porque a mudança aconteceu no meio do ano letivo. Aos poucos acompanhei o desenvolvimento como os demais alunos, fiz algumas amizades.

No ano seguinte comecei mais segura, em uma turma nova, fiz amizades mais facilmente e principalmente com os professores. A maioria dos professores era de fato militar, bombeiro, mas tinham passado a dar aula lá pois realmente gostavam, então eram dedicados e tornavam as atividades mais prazerosas.

Destaco principalmente minhas professoras de português, Marcia Bonfim, Ana Paula, Silvia, Luise que me deixaram extremamente tentada a seguir seus passos para fazer Letras para dar aulas de português também. Com certeza foram as aulas que mais me dediquei e estudei com afinco.

Muitas coisas que vieram de lá carrego até hoje para minha vida. Destaco especialmente meus amigos que estiveram comigo durante o ensino fundamental e médio e continuam sendo os melhores até hoje. A disciplina, o respeito aos superiores, aos professores, o gosto pela organização, a vontade de ser sempre melhor, são elementos que tento seguir em todos os ramos da minha vida.

Durante o ensino médio ganhei diversas bolsas para fazer cursinho pré PAS e pré-vestibular. Até comecei alguns, mas não me dediquei como deveria, ainda não tinha me encontrado em um curso e a Universidade de Brasília (UnB) não era uma grande ambição. No momento da escolha de curso eu optei por Linguas Estrangeiras Aplicadas, um curso novo na universidade que ninguém sabia muita informação, mas pareceu interessante pois teria contato com diferentes línguas e poderia aplicá-las em diferentes áreas.

Foi muito proveitoso o início, aprendi muito da cultura de uma língua, pude aprender o básico de espanhol, francês e aprofundar o Inglês. Mas já perto na metade do curso percebi que as disciplinas fora das línguas eram muito distintas, não conseguia entender onde levaria toda aquela formação tão variada. Sequer poderia dar aulas de línguas pois o curso não é de licenciatura.

Nesse mesmo momento que me vi perdida nesse curso me deparei com uma gravidez inesperada. Precisava mais do que nunca me encontrar profissionalmente

e realizar o máximo que eu pudesse antes do Luís Felipe nascer. Mesmo quando muitos me aconselharam terminar a graduação rápido, preferi buscar um curso do qual me agradasse de fato. Então no primeiro semestre de 2014 peguei diferentes disciplinas introdutórias para conhecer outras áreas de conhecimento e finalmente seguir alguma.

Uma dessas disciplinas que peguei foi Processos de Alfabetização com a professora Paula Cobucci. Apenas por ter muitas vagas e ter um horário acessível para mim. Mas logo no primeiro dia de apresentação da disciplina me encantei, muitas coisas manuais para fazer e saída de campo para vivenciar a prática de sala de aula me despertaram o interesse. Foi muito marcante ir para a escola com crianças carentes de atenção, de estrutura e de conhecimento. Ali me encontrei e decidi que iria mudar de curso. A professora Paula foi fundamental para isso, além de passar toda a sua paixão pela sala de aula, me deu todo apoio e incentivo para a mudança.

Entre com o processo e no semestre seguinte me tornei aluna de Pedagogia. Precisei fazer o semestre como exercício domiciliar, frequentei apenas os dois primeiros meses de aula e o restante realizei atividades a distância. Foram seis disciplinas muito complicadas, sem conhecer nada da pedagogia, sem ter conhecidos que pudessem me ajudar e com um recém nascido para cuidar enquanto estava no computador fazendo artigos para enviar aos professores.

O semestre seguinte pude fazer presencial, muitas vezes ainda tive que levar meu filho para aula. Agradeço aos professores super compreensíveis que permitiram a presença do Luís Felipe em sala e até mesmo ajudando, ficando com ele no colo e tudo mais. Destaco neste segundo semestre de pedagogia a disciplina de Projeto 2 com o professor Renato Hilário. Tivemos a oportunidade de conhecer profissionais de pedagogia que trabalham nas mais variadas áreas, foi uma ótima oportunidade de conhecer os diferentes ramos da pedagogia e como eles funcionam na prática. Nesse momento percebi que qualquer área que eu fosse estaria feliz, tudo na pedagogia me encantava. Conhecer a pedagogia no sistema prisional foi o mais interessante para mim, além de todas as práticas de sala de aula.

Também tive mais um baque nesse período de graduação. Meu tio, que sempre teve o papel de pai para mim, morreu em um acidente nos Estados Unidos. Estava competindo ciclismo nos Jogos Mundiais dos Policiais e Bombeiros, já era muito experiente, policial e triatleta há muitos anos, realmente uma fatalidade. Foi

um processo muito doloroso, todo o traslado do corpo, as diversas burocracias e cerimônias. Mas pude perceber como ele foi um herói, não só para mim, mas também era querido por todos aqueles que se voltaram a ele neste momento. Hoje, dois anos depois, ele ainda foi homenageado nos jogos e sua imagem é levada por muitos com amor e saudade. Devo muito do que eu sou a ele.

O curso continuou se encaminhando e eu desanimei um pouco, senti uma distância muito grande entre aquilo que víamos na faculdade e com a pequena pratica que vivenciei. Sentia que a UnB não estava me preparando para a realidade que iria encontrar, não existia prática nas disciplinas. Na verdade, todas as disciplinas pareciam iguais, os professores repetiam os mesmos discursos contra a pedagogia tradicional, necessitando mudanças, uma educação libertadora, alternativa, sempre com debates na base de opiniões prontas.

Incomodada com essa situação conversei com uma amiga do ensino médio que também cursou pedagogia aqui. A Isabella me deu uma luz quando apresentou o blog do Escola Sem Partido e contou sobre o envolvimento do professor Bráulio. Percebi que o problema que eu estava tendo na faculdade era muito mais comum do que eu esperava, infelizmente as salas de aula do Brasil estão repletas de professores que aproveitam da situação dos alunos para promover seus interesses pessoais.

Tentei então fazer alguma disciplina com o professor Bráulio para me aproximar dessa área e fugir dos professores doutrinadores. A disciplina de Pesquisa em Educação então veio nesse momento como um novo caminho dentro da Universidade. Foi ali que me aproximei do professor Bráulio pedindo ajuda para conhecer uma pedagogia diferente da aplicada pela maioria dos professores da Faculdade de Educação. Decidi que ele deveria ser meu orientador e comecei a ler textos de sua indicação que despertaram meu interesse mais uma vez.

Nesse mesmo período comecei um estágio no Colégio Marista Pio XII com alunos do primeiro ano do ensino fundamental. Apesar de agora estar ligado a rede Marista, foi um prazer voltar para trabalhar no mesmo local em que eu estudei. Mais uma vez me encontrei na sala de aula. A experiência e aprendizagem que tive e tenho até hoje ali foram muito mais ricas do que as formais da graduação.

Faço uma ressalva as disciplinas de Educação Matemática que fiz com o professor Villar, elas realmente me ajudaram. Aprendi conteúdos matemáticos que

sempre tive dificuldade e foram realmente importantes para minha formação e aplicação futura.

Chego à reta final da minha graduação ainda sem me sentir preparada para um futuro de provável alfabetizadora. A formação da graduação ficou no domínio da pedagogia sociológica, econômica e cultural, deixando muito a desejar na formação prática do professor, com conteúdos concretos e aplicáveis.

Felizmente estou amparada pelos dois professores mais marcantes que tive aqui na UnB. Professora Paula Cobucci, que me inspira pedagogicamente e com sua disciplina proporcionou meu encontro com o mundo da alfabetização. E o professor Bráulio, que tem a coragem de enfrentar leões com sua simplicidade e dedicação científica, é a esperança de uma educação honesta e de qualidade.

Hoje tenho o prazer de fazer meu trabalho de conclusão de curso com a orientação desses dois grandes professores que tanto me acrescentaram. Trago ainda todas as inquietações que tive até aqui e me levam a pensar em uma educação sincera sem os jargões que ouvimos por aí.

PARTE II – MONOGRAFIA

1. METODOLOGIA DE ANÁLISE

Este trabalho de conclusão de curso propôs realizar uma análise livro *As Belas Mentiras* de Maria de Lourdes Chagas DeiróNosella. Em breve pesquisa na internet, conseguimos encontrar o livro para venda até em sua 13ª edição, lançada em 2005. Um livro com tantas edições é incomum para textos acadêmicos. Assim, percebe-se a grande visibilidade e o alcance que teve.

Também percebemos sua importância com a seguinte nota publicada este ano no site da reconhecida Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd): “é com pesar que a ANPEd informa o falecimento de Maria de Lourdes Chagas Deiró, autora do conhecido livro *As Belas Mentira: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. Maria faleceu na última quinta-feira, 4 de maio.” (ANPED, 2017). Acrescentam, então, a carta de seu ex marido, Paolo Nosella, reforçando o destaque que seu livro teve.

Identificamos que Nosella segue alguns pontos do marxismo para fazer sua análise dos textos das cartilhas de alfabetização, como o conceito de ideologia de Marx e a teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado de Althusser. Para realizar este trabalho, foram estudados alguns textos de autores clássicos marxistas, assim como a tendência que a autora segue. E também autores com opiniões contrárias que argumentam a favor do conservadorismo como Olavo de Carvalho e Oakeshott.

Ao realizar apreciação crítica das análises elaboradas por Nosella observa-se que tais análises são bastante simples e arbitrárias, não seguem metodologia específica. Além disso, a autora não apresenta fundamentação teórica para justificar suas interpretações, que aparecem soltas e sem contexto.

Nesta pesquisa, será realizada metacrítica das análises da autora a partir de outro olhar sobre as ilustrações apresentadas nos livros e cartilhas. Para isso analisaremos pelo menos um exemplo de cada um dos dez temas relacionados por Nosella. Foram escolhidos aqueles que tiveram maior realce pela interpretação.

Atualmente, existe o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) proposto pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que se encarrega da avaliação e distribuição dos livros didáticos no Brasil.

Posteriormente, em trabalhos futuros, poderia ser proposta análise complementar, adotando definições mais específicas sobre o conceito de ideologia, considerando-se também como referência, teorias de análise do discurso.

2.INTRODUÇÃO EOBJETIVOS

A academia brasileira, especialmente as ciências sociais e particularmente a pedagogia, são fortemente influenciadas pelo marxismo no Brasil. Funcionam em diferentes níveis, direta ou indiretamente.

Uma das características mais significativas, e menos analisadas, do Brasil dos últimos anos, foi o fracasso das ideologias de direita e o sucesso das ideologias de esquerda. Essa afirmação pode parecer absurda, mas é a pura verdade: por mais que tenha sido tentado, não foi possível formar no país uma ideologia conservadora suficientemente articulada e que encontrasse aceitação e guarida em setores significativos da população. A tentativa de fazer isso através da educação moral e cívica fracassou, as ideologias de segurança nacional nunca passaram do âmbito estreito dos grupos e instituições que as criaram, as formais mais tradicionalistas e conservadoras do pensamento católico e do nacionalismo verde e amarelo não conseguiram firmar-se e assim por diante. Por outro lado, apesar da repressão – e, muitas vezes, graças a ela – as ideologias de esquerda floresceram nos meios mais educados. (SCHWARTZMAN, 1980, p. 143)

A observação de Schwartzman continua válida mesmo depois de muitos anos. Isso porque existem poucas pesquisas nessa área. O conceito de ideologia foi, de certa forma, monopolizado pelos marxistas e não há uma opinião contrária. No que diz respeito à pedagogia, percebemos essa corrente fazendo cada vez mais críticas às outras correntes e ganhando o espaço acadêmico brasileiro.

Nesse sentido, o livro “As Belas mentiras – A Ideologia subjacente aos textos didáticos”, de Maria Nosella, é um exemplo claro da forte influência do marxismo dentro da pedagogia do Brasil. Praticamente inexistem estudos que discordem da análise de Nosella ou mostrem uma visão não marxista. Seu livro evidencia que a abordagem teórica conquistou o espaço acadêmico brasileiro.

A autora organiza seu livro em 10 temas gerais, os quais nomearam os capítulos. Dentro de cada tema, a autora apresenta alguns exemplos de trechos retirados de cartilhas de alfabetização e livros didáticos deslocados de seu contexto e faz generalizações que sugerem a presença de uma ideologia dominante burguesa nos livros didáticos.

O objetivo da presente monografia será realizar uma metacrítica da análise oferecida por Nosella, com ênfase especialmente nos resultados a que essa autora chega a respeito das cartilhas de alfabetização e livros didáticos das séries iniciais.

Como objetivos específicos, pretende-se:

- Verificar a coerência da análise de Nosella em relação aos textos de leitura analisados.
- Identificar a presença, ou não, da teoria marxista na crítica de Nosella.
- Manifestar algumas consequências do livro que surgiria a partir das críticas de Nosella.

No primeiro capítulo, faremos um apanhado da teoria marxista que orienta a tese de Nosella. Passaremos, então, pelo conceito de Ideologia, as visões de Gramsci, Althusser e Sorel sobre Intelectuais tradicionais e orgânicos, Aparelhos Ideológicos entre outros temas relevantes. Além de mostrar brevemente como essa visão está presente no Brasil.

No segundo capítulo, é apresentado o resumo do livro *As Belas Mentiras*, separando pelos temas que Nosella utiliza para fazer sua análise.

No último capítulo, é feita uma metacrítica, considerando as imprecisões de Nosella. Levamos em consideração a distância de sua análise com a realidade e propomos uma interpretação mais adequada. Questionamos, ainda, como seria um livro conforme suas sugestões. Por fim, alguns apontamentos de como os livros didáticos são analisados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

A monografia pretende iniciar um estudo nessa direção, focalizando, basicamente, a maneira como o marxismo de Nosella critica os livros didáticos e cartilhas de alfabetização.

3. A TEORIA MARXISTA DE IDEOLOGIA

Faremos, neste capítulo, uma breve síntese das diferentes percepções do termo ideologia. Além de levantar pontos fundamentais das teorias de autores que explicam as ideias marxistas e fundamentaram esse trabalho para posterior análise do pensamento de Nosella.

2.1 DICIONÁRIO CRÍTICO DE RAYMOND BOUDON E FRANÇOIS BOURRICAUD

Raymond Boudon e François Bourricaud discutem o termo “Ideologia” no reconhecido *Dicionário Crítico e Sociologia*. Além disso, apresentam as variações do termo e mostram que a questão não é tão clara e simples como parece ser. Chegam a ressaltar que é um “termo obscuro” (Boudon e Bourricaud, 2000, p. 275).

Segundo Boudon e Bourricaud (2000), *ideologia* foi um vocábulo criado no século XVII por Destutt de Tracy para denominar o estudo dos fenômenos mentais que pareciam impor como dedução da filosofia materialista e sensualista.

Depois apresentam que, em Marx, *ideologia* vai ser definida como a falsa consciência vinda da posição de classe. A realidade é deformada pelos seus interesses. Há uma noção do que é verdadeiro, mas existe uma capa transformando a realidade. Segundo os autores, o conceito é pouco empregado, evitado pelos sociólogos devido à sua obscuridade.

Apresentam ainda a visão de Lenin o qual considera que “as ideologias são armas doutrinárias de que se munem as classes sociais”. (BOUDON E BOURRICAUD, 2000, p.275). Sendo assim, as ideologias são recursos utilizados na luta de classes. Cada grupo tem a sua visão de mundo e dá um sentido diferente conforme suas preferências e interesses.

Chegam a uma questão delicada sobre valores e crenças. Trazem a visão de Pareto:

Falar-se-á, enfim, de ideologia se o sistema de valores ou, mais genericamente, de crenças, por um lado, não recorrer às noções de sagrado e de transcendência, e, por outro, tratar sobretudo da organização social e política das sociedades ou, mais genericamente, se deu devir. (BOUDON E BOURRICAUD, 2000, p. 276)

Percebemos com a breve apresentação desse verbete do dicionário crítico que o termo *ideologia* exige um cuidado para ser tratado. Existe uma complexidade

e envolve diversas questões minuciosas precisando de uma atenção para que não seja banalizado.

2.2 CONCEITO DE IDEOLOGIA DE MARX

A discussão acerca do termo *ideologia* é bastante densa. Existem diferentes visões e conceitos que são aplicados em diferentes contextos podendo existir grandes divergências. Tendo em vista toda a complexidade do assunto, será feita uma breve explanação tendo como referência a teoria marxista da ideologia.

Partindo da análise de alguns excertos de Karl Marx, percebemos a importância do conceito de *classe social* que fundamenta toda sua teoria. Segundo ele, a história é composta pela luta de classes. Independentemente do período e de quais classes sejam essas, sempre há um conflito entre opositores: “opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada.” (MARX e ENGELS, 1988, p. 75)

Percebemos já aqui que podem estar “disfarçados” os interesses e lutas das classes. Mesmo que não seja totalmente nítido, pode existir uma referência por trás que faz as orientações para essas classes.

Em outro trecho, Marx e Engels afirmam que o pensamento e a produção de ideias do homem surgem de questões materiais. Acontece um condicionamento que leva o homem a produzir as ideias baseado nas relações e forças produtivas oriundos de um processo histórico.

É a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas deste processo vital. [...] Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. (MARX; ENGELS, 1980, p. 25-26)

A visão de Karl Marx considera a ideologia como ideias produzidas por um determinado grupo partindo da sua vida, seus interesses. Essas formulações distorcidas irão orientar e dominar os homens conforme o desejo material da classe dominante.

2.3 A TEORIA DE GRAMSCI, SOREL E ALTHUSSER

A teoria bastante difundida de Antonio Gramsci explica mais profundamente a questão da ideologia e os demais fatores que influenciam a sociedade. Daremos destaque à concepção dos intelectuais classificando-os como intelectuais orgânicos e intelectuais tradicionais, além do conceito de hegemonia.

Segundo Gramsci (1982), quando nasce um novo grupo social, ele precisa ter clara sua função e ter homogeneidade. São os intelectuais orgânicos que devem concretizar isso “em vista da necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe” (GRAMSCI, 1982, p. 4). O papel do intelectual aqui é servir aos interesses da sua própria classe e propiciar condições que viabilizem seu crescimento e dê força.

Já os intelectuais tradicionais são um grupo anterior, “representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas.” (GRAMSCI, 1982, p. 5). Tornam-se, assim, independentes de qualquer grupo social dominante, são aparentemente autônomos e possuem suas próprias características. São eles que fortalecem as ideias de determinado grupo, conforme assimilam novos pontos que vieram dos intelectuais orgânicos em outro momento.

A questão da ideologia presente entre os intelectuais se dá na:

luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. (GRAMSCI, 1982, p. 9)

Os intelectuais tradicionais são aqueles que vão, ou não, garantir que as ideias de determinado grupo perpassem historicamente. Guardam os valores e interesses principais que serão mantidos em uma sociedade. Por isso os intelectuais orgânicos, com caráter mais temporário, lutam para que seus interesses sejam assimilados pelos intelectuais tradicionais e ganhem continuidade.

Gramsci vai acrescentar que a escola é o instrumento para formar os intelectuais dos variados níveis. As diferentes categorias de escolas formam para as diferentes especializações de intelectual.

Para chegar ao importante conceito de hegemonia, Gramsci define dois planos superestruturais. O primeiro é a sociedade civil, com organismos privados e o outro é o da sociedade política, “que corresponde à função de hegemonia que o grupo determinante exerce em toda a sociedade” (GRAMSCI, 1982, p.10).

Os intelectuais responsáveis por manter a hegemonia cuidam “do consenso espontâneo dado pelas grandes massas, [...] do aparato de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”” (GRAMSCI, 1982, p.11).

Segundo Sérgio Coutinho (2002), a luta pela hegemonia começa com a reforma intelectual e moral da sociedade civil. Para isso existem três etapas: a superação do senso comum, a conscientização político-ideológica e a formação do consenso.

A primeira etapa, de superação do senso comum, tem por objetivo apagar os valores, costumes, culturas tradicionais de uma sociedade e inserir novos conceitos que permitam uma abertura pra as mudanças que estão por vir.

A próxima etapa trata da conscientização político-ideológica que busca “dar sentido político ao novo senso comum para se formar o consenso” (COUTINHO, 2002. p. 33). Criticando a realidade burguesa, levam para uma nova concepção e expectativa. É como uma nova militância para mudar a história política.

Por fim se dá a formação do consenso, “concordância adesão e acordo coletivo com ideias e ações de um agente político ou social.” (COUTINHO, 2002, p. 33). Vai mostrar como está a aceitação das mudanças, o novo cenário, a força de expressão e apoio a nova classe.

A reforma intelectual e moral tem por objeto as classes subalternas e por sujeito os intelectuais orgânicos, com a participação consciente ou inconsciente, dos intelectuais tradicionais. Estes podem assumir o papel de intelectuais orgânicos por livre adesão (convencimento) ou por ingenuidade, acomodação, "modernismo" (A19) e até por capitulação. (COUTINHO, 2002, p.31)

O processo é baseado então nesses intelectuais que devem formular a hegemonia para dominar e persuadir conforme a ideologia da classe. Essa ideia de Gramsci foi baseada na teoria de George Sorel do mito. Para Sorel, os mitos são “os homens que participaram dos grandes movimentos sociais representam sua ação imediata sob a forma de imagens de batalhas que asseguram o triunfo de sua causa” (SOREL, 1907, p.1).

Sorel fala dos mitos atuais que têm o papel de conduzir para um combate que destrua tudo o que existe, diferente da utopia, em que as reformas acontecem fragmentando o sistema. Teria sido essa a falha de Marx, pois é necessário que aconteça a inculcação da ideia revolucionária dos homens para depois a violência proletária agir. “A violência proletária não só pode garantir a revolução futura, como parece ser também o único meio de que dispõem [...], tornou-se fator essencial do marxismo” (SOREL, 1907, p.3).

Percebemos, então, que os ideais de Gramsci seriam alcançados depois que seus interesses fossem difundidos na sociedade pelos intelectuais de forma que

facilitem a aceitação de uma revolução maior posteriormente. Para isso retomamos a noção de hegemonia em que a dominação acontece pela coerção que mantém o consenso da massa.

Olavo de Carvalho, escritor e filósofo brasileiro representante do conservadorismo, afirma que a luta pela hegemonia vai além do confronto das doutrinas, está arraigado no senso comum. As influências agem então em “um aglomerado de hábitos e expectativas, inconscientes ou semiconscientes na maior parte, que governam o dia adia das pessoas.” (CARVALHO, 2014, p. 5)

Para que isso ocorra é necessário mais que um debate no campo ideológico. Carvalho remete ao termo “inversão de valores” para que aconteça uma lavagem cerebral pelos mais diversos meios.

Outra teoria que vai dar certa continuidade ao trabalho de Marx é a de Althusser. Ele explica alguns conceitos fundamentais, além de formalizar a teoria de Gramsci com sua notável formalização dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE).

Althusser (1980, p.25) retoma a teoria marxista que divide a sociedade nos níveis de infraestrutura: a base econômica e a superestrutura: o jurídico-político e a ideologia. Dentro da sociedade capitalista, a produção é o que vai girar a economia, mas para isso é necessário a força de trabalho que é assegurada pelo salário.

Além das condições materiais, essa força de trabalho deve ser qualificada através do sistema escolar. Para isso, na escola:

aprende-se a ler, a escrever, a contar [...] “cultura científica” ou “literária” [...] a Escola ensina também a “regra” dos bons costumes [...] regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exatamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho. (ALTHUSSER, 1980, p. 20-21)

Mas os saberes práticos são ensinados em “moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou manejo da ‘prática’ desta”. (ALTHUSSER, 1980, p.22). Assim se garante que a força de trabalho tenha apenas a formação que interessa à classe dominante e conserve a situação.

Althusser define segundo a teoria de Marx que:

O Estado é uma “máquina” de repressão que permite às classes dominantes (no século XIX à classe burguesa e à “classe” dos proprietários de terra) assegurar a sua dominação sobre a classe operária para submeter ao processo de extorsão da mais-valia (quer dizer, à exploração capitalista). (ALTHUSSER, 1980, p.22)

Mas vai além, ao tratar como aparelho de Estado. Sendo este como a repressão a serviço da classe dominante para garantir a força de quem está no poder.

Acrescenta, ainda, que, junto com o Aparelho de Estado, estejam os Aparelhos Ideológicos de Estado “sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1980, p.43). Algumas dessas instituições são o AIE religioso, AIE familiar, AIE escolar, AIE político, AIE cultural. Diferencia os AIE do Aparelho de Estado afirmando que os primeiros agem pela ideologia e são múltiplos enquanto o último tem foco na violência e repressão trabalhando como um todo. Mas ambos funcionam pela repressão e ideologia.

Althusser trata que a ideologia dominante é mantida enquanto exerce sua hegemonia sobre e nos AIE. Mais uma vez, a escola aparece como instrumento fundante. “O aparelho escolar é de fato o aparelho ideológico de Estado dominante nas formações sociais capitalistas” (ALTHUSSER, 1980, p.62)

Aparece, mais uma vez, a facilidade de conquistar as crianças nos seus primeiros anos e a Escola é a instituição que consegue abranger o maior número de integrantes desta faixa etária.

Desde a pré-primária, a Escola toma a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais, e a partir da Pré-primária, inculca-lhes durante anos, os anos em que a criança está mais “vulnerável”, entalada entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado Escola. (ALTHUSSER, 1980, p.64)

Seja qual for o interesse daqueles professores ou adultos que lidam com as crianças, sua influência é enorme. Passam muitas horas do dia e quase todos os dias da semana com aquelas crianças, tudo aquilo que é feito vai afetar as crianças que ainda não possuem uma maturidade para reagir e criticar o que lhes é passado, vai assimilar os valores que lhes forem apresentados facilmente. Althusser (1980, p.67) critica a Escola que é vista como um ambiente neutro, sem ideologia, mas os professores, na maioria das vezes, não percebem que estão trabalhando para um sistema.

Althusser usa o conceito de Marx e afirma que “A ideologia passa então a ser o sistema das ideias, das representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social.” (ALTHUSSER, 1980, p. 69). Mais adiante vai explicar que existe uma ideologia geral que não tem história, pois a história está fora dela, e as ideologias particulares que possuem uma história própria.

Um ponto interessante que o autor levanta é que a ideologia não se reconhece como tal, apenas quem está de fora, em um caminho científico, percebe. É muito difícil alguém se reconhecer em uma ideologia, falam apenas que o outro está.

Por fim, Althusser (1980, p.118) conclui que o Estado e seus Aparelhos têm sentido pela luta de classes que garantem a opressão e exploração. Percebemos que os AIE funcionam como instituições mantenedoras da ideologia dominante, são esses aparelhos que permitem manter as condições ideais para o sustento do sistema conforme os interesses de quem está no poder.

2.4 REALIDADE NO BRASIL

Esses autores marxistas foram muito divulgados no Brasil e veremos alguns apontamentos que evidenciam que suas teorias estão influenciando os pensamentos daqui e chegando às escolas.

Gramsci vai dizer que “todo homem [...] participa de uma concepção do mundo possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo” (GRAMSCI, 1982, p.8). Desse modo, pessoas de diferentes áreas da sociedade podem agir nesse combate e influenciar na mudança de pequenas atitudes até que alcancem uma mudança de pensamento geral.

Carvalho aponta alguns desses profissionais que podem influenciar a sociedade. Destaco o papel do professor da infância e demais personagens que estão ligados às crianças. Pois, nessa fase, ainda não existe uma formação completa da personalidade, falta maturidade para criticar aquilo que recebe e, assim, se tornam presas fáceis para que sejam inseridos pensamentos que mudem os valores que já estão na sociedade.

Olavo de Carvalho afirma que “o avanço da esquerda vem causando um dano incalculável a milhões de crianças brasileiras, usadas como cobaias de uma desastrosa experiência gramsciana”. (CARVALHO, 2014, p.15)

Assim as ideias de Gramsci estão se propagando facilmente. São mudanças sutis que fazem os valores de uma sociedade milenar serem substituídos por valores comunistas com o discurso que está combatendo os ideais burgueses. Segundo Carvalho (2014, p. 16), isso pode ser feito mesmo sem a consciência de quem é Gramsci, a propaganda faz a política agir.

Saviani (2014, p. 6) faz indicações que, de fato, Gramsci está sendo referência para a educação brasileira. Isso se formula pela presença do construtivismo no plano didático e com as teorias pedagógicas contra-hegemônicas. Saviani aponta quatro: pedagogia libertadora de Paulo Freire; pedagogia prática, pedagogia crítico-social dos conteúdos e pedagogia histórico-crítica.

O autor vai afirmar que “a escola que se configura com um partido ideológico, cuja função precípua é elaborar intelectuais de diversos níveis, tarefa que se cumpre pela disciplina coroada pela catarse”. (SAVIANI, 2014, p. 9)

A escola aparece então como papel fundamental na educação das massas:

A educação se constitui, pois, num instrumento de luta: luta para estabelecer uma nova relação hegemônica que permita constituir um novo bloco histórico sob a direção da classe fundamental dominada da sociedade capitalista – o proletariado. (SAVIANI, 2014, p. 18)

Concluimos que a teoria de Gramsci em relação à ideologia é atual e presente até mesmo na realidade brasileira. Os intelectuais possuem papel fundamental para a mudança de valores e moral da sociedade. A escola vem como instituição protagonista para colocar em prática toda a teoria. Age na formação da massa, vai reformando até chegar à instituição total da nova concepção.

2.5 BALANÇO CRÍTICO: DANIEL BELL, BOUDON E BOURRICAUD

Daniel Bell (1980, p. 2) faz uma crítica a Marx, pois, segundo o autor, o termo *ideologia* estava associado à noção de autonomia e independência das ideias que podem revelar a verdade. Mas isso não encaixa na teoria materialista que, como vimos, é a existência que vai determinar a consciência.

Bell aponta, na teoria marxista, que “O desmascaramento da ideologia, portanto, consiste em revelar o interesse ‘objetivo’ que existe por trás das ideias, descobrindo a função da ideologia” (1980,p.3). Logo, as ideias estão sempre escondendo interesses materiais de uma classe. Não havendo uma verdade objetiva, existe a verdade para cada grupo.

Apresenta, também, algumas dificuldades da teoria marxista. A primeira é a questão da autonomia da ciência que nunca foi resolvida, existiria dentro da ciência uma linha de pensamento burguesa e outra proletária, sempre com verdades relativas. A segunda é a relação de que sempre existe um conjunto de ideias por trás de um objetivo de classe. A terceira dificuldade é o conceito de “classe” que estaria ligado à distribuição de propriedade, mas hoje a capacitação técnica é mais

importante do que a herança da propriedade, difícil atualizar o atual sentido de “classe”.

Boudon e Bourricaud também apontam que o termo ideologia se mostra bastante complexo e dependente de diversos fatores que influenciam para dosar a crença e a crítica racional. Os autores mostram que não é fácil fugir das crenças e ideologias. Citam uma situação prática de eleição e conclui que o eleitor busca escolher um partido que tenha interesses e princípios parecidos com os seus.

O ator, querendo persuadir-se da legitimidade de suas crenças, inclina-se a aceitar ingenuamente toda “teoria” que “demonstre” sua validade [...] as opiniões políticas não são, senão raramente, apresentadas e vividas como opiniões, mas como verdades que o adversário, por prevenção, cegueira, má-fé ou corrupção, recusa ou deixa de ver. (Boudon e Bourricaud, 2000, p.278-279)

Boudon e Bourricaud terminam afirmando que a função principal da ideologia é trazer uma justificativa para os valores que podem fundamentar o consenso e a ordem social. Duvidam então da tese de Marx para acabar com a ideologia. Poderia ser uma troca dos valores da classe dominante por novos valores. “O fato de a ideologia ser menos visível não implica que ela não esteja presente” (BOUDON E BOURRICAUD, 2000, p.280)

Acrescentamos também a ideia de Bell (1980, p. 6) em que indica que a ideologia capaz de transformar as ideias e as pessoas deve conter: ideias simples; se apresentar como verdade e garantir uma nova ação.

Percebemos que o estudo sobre a ideologia é muito denso e exigiria um estudo mais profundo para garantir uma definição mais precisa. Para realização do presente trabalho, consideramos suficiente o contraste da visão dita marxista com a realidade apresentada.

3. A TESE DE MARIA NOSELLA

Tomando conhecimento das principais referências marxistas, traremos agora uma síntese do Livro *As Belas Mentiras* para que seja conhecida a análise que Maria Nosella apresenta em sua tese. Estão separados nos mesmos tópicos do texto original.

3.1 INTRODUÇÃO

O livro *As Belas Mentiras, a ideologia subjacente aos textos didáticos* de Maria de Lourdes Chagas DeiróNosella, é o resultado de uma pesquisa realizada durante o mestrado da autora.

O problema de pesquisa seria demonstrar que, na sociedade dividida em dominante e dominada, não há preocupação com a maioria das pessoas ali envolvidas e isso está refletido na educação com formação capitalista que objetiva o lucro.

Ainda “pretende-se pôr em evidência a utilização da educação como instrumento mediante o qual se transmite a ideologia da classe dominante que é introjetada inconscientemente pela classe dominada” (NOSELLA, 1978, p.11). Isso aconteceria por diversos meios, a autora destaca os valores apresentados nos livros didáticos.

O objetivo seria mostrar a ideologia da classe dominante presente nos textos utilizados nas séries iniciais. Considerando o público desses textos como crianças entre 7 e 10 anos, o problema seria transmitir os conteúdos ideológicos moldando a personalidade pela sua postura acrítica. Isso se daria pelos procedimentos de assimilação das estruturas existentes e acomodação para assimilá-las.

A hipótese da autora é que os textos de leitura transmitem a ideologia da classe dominante à classe dominada como sendo a visão única e verdadeira. Assim mantêm o capitalismo e suas relações de produções.

A autora delimitou as quatro primeiras séries do ensino fundamental por serem as obrigatórias (atualmente toda a Educação Básica, do 1º ano de ensino

fundamental ao 3º ano do ensino médio, é obrigatória) além de ser normalmente o primeiro contato da criança com a escola. As crianças dessa faixa etária são receptores acríticos das mensagens passadas pelos livros didáticos. Segundo a autora, os dez temas centrais foram escolhidos por serem os mais comuns nos textos de leitura e apresentam os modelos ideologicamente formados. Esses modelos são dados como únicos para todo o país.

A pesquisa foi realizada com escolas dos grandes municípios da Rede Oficial de Ensino Estadual do Espírito Santo. Foi elaborada uma lista dos livros indicados pelas escolas e, então, a autora fez fichas, copiando os textos dos temas estabelecidos e seus comentários. Introduziu ao trabalho aqueles que considerou mais representativos para fazer sua análise ideológica.

Com o referencial teórico a autora pretende mostrar os objetivos por trás das mensagens ideológicas dos livros didáticos, já que o aparelho escolar seria o responsável por passar essa ideologia dominante. A autora constata um processo dialético entre o esquema teórico e a sua utilização rigorosa.

Para isso inicia descrevendo a sociedade capitalista organizada no nível de infraestrutura, a base econômica e o nível de superestrutura, organizações e instituições sociais e ideológicas. É uma sociedade dividida em classes em que a classe dominante, a burguesia, explora a classe dominada, o proletariado.

Depois vai trazer o conceito de Estado como um conjunto dos aparelhos de Estado que funcionam para garantir o domínio da classe dominante. Esses aparelhos são divididos entre Repressivos (como tribunais e polícia) e Ideológicos (como família e escola). E trabalhando em conjunto garantem e mantêm seus ideais.

Tratando do conceito de ideologia, a autora a define como um conjunto de ideias que dão apoio e justificam ações de um determinado grupo. Sendo assim é sua característica a parcialidade, além de ser fragmentária e superável. Portanto, a Ideologia pode estar mostrando contradições para que aconteça uma libertação ou camuflando-as para que a ação seja conservadora.

A Ideologia da classe dominante na sociedade capitalista estaria escondendo as contradições existentes na sociedade. O discurso de liberdade, igualdade e fraternidade estaria acontecendo ao contrário e seria preciso uma ideologia para mascarar o que acontecia. Isso justifica “a ideologia ser elaborada como arma estratégica dentro da luta de classes” (NOSELLA, 1978, p. 25). É organizada uma estrutura que mantém a coesão e consiga se manter apresentável como ciência

neutra e não ideologia mistificadora, com isso ela consegue se sustentar e ter maior aceitação.

O aparelho ideológico escolar tem um papel importante, pois é muito eficaz para reproduzir a ideologia dominante. Como foi dito que a ideologia dominante era acobertada como ciência neutra, a escola aparece como instituição também neutra. Para a autora, o que acontece na escola se torna um ato de violência. Força os alunos a assimilarem os princípios, valores e os seguirem como única verdade. Os ensinamentos que ficam apoiam o modelo sócio-econômico-político dos dominantes.

Por isso a pesquisa proposta por Nosella buscou analisar o que acontece nas quatro primeiras séries e marca a grande maioria da população com os objetivos da classe dominante. A obra foi organizada em dez temas mais recorrentes nos textos de leitura (Família, Escola, Pátria, Ambiente, Trabalho, Pobres e Ricos, Virtudes, Explicações científicas, Índio e Capas e Ilustrações) que explicitarão as mensagens ideológicas ali contidas.

3.2 A FAMÍLIA

O primeiro tema a ser tratado é A Família. Segundo Nosella, em geral os textos de leitura retratam a felicidade e a união entre todos os membros da família.

Logo traz um exemplo de um texto em que se coloca uma família feliz “porque se estimam muito. Não pensem que são ricos. Vivem unidos e procuram entender-se sempre.”(NOSELLA, 1978, p. 31 apud OLIVEIRA, p.11). A autora afirma que a ideologia presente nesse texto quer convencer aqueles que não têm boas condições financeiras a serem felizes mesmo assim. Além de confortar as pessoas com muitos bens que não são culpados pela situação do pobre. Isso justificaria a injustiça social e não prioriza a justiça e divisão de bens.

Os textos são considerados “perfeito demais para ser verdadeiro” (NOSELLA, 1978, p.33). Não mostram as situações reais, apenas abstrações. As famílias retratadas são as pobres ou as que não são pobres, sem muita definição. Evitam a comparação entre ricos e pobres, não mostram as contradições sócio-econômicas.

Em relação à figura do pai, Nosella percebe que ele é sempre o líder que sustenta a família e é autoridade. Comenta que, nos textos, esse personagem é sempre dedicado a um trabalho formal e cheio de bondade, pois é sempre presente em momentos alegres mesmo quando passa muito tempo fora de casa. Não se

questionam problemas econômicos que poderiam estar ligados com o trabalho do pai que sustenta a casa.

Já a mãe, foi notada pela autora como dona de casa que cuida dos filhos e marido. Havendo uma discriminação entre a função do homem e da mulher. Enquanto a mãe fica em casa sem um papel social, sem informação, a autora acaba desvalorizando o papel da dona de casa. O pai é superior, bem informado.

Em um texto que essas funções foram trocadas, o pai não deu conta do serviço de casa, e a autora interpreta que na verdade se pretende mandar o papel da mulher como dona de casa para que ela não se liberte e receba o elogio com o que faz naquele espaço. O único retrato da mãe trabalhando fora de casa é como professora. Papel também questionado pela autora, a mãe teria uma influência exagerada sobre os filhos. Ela acaba se tornando um ícone, protetora, batalhadora que suporta tudo, e amorosa, sendo sempre elogiada. Mas isso seria mais uma forma de impedir que ela perceba a exploração. A relação afetiva dos filhos está sempre ligada apenas à mãe, ela permanece com o estereótipo de heroína.

A relação entre os genitores é sempre feliz, nunca há brigas ou algum tipo de mal estar. Não há fim de matrimônios, a família é tida como uma instituição, sem pessoas reais com problemas, a união sempre prevalece tudo.

Os filhos devem ser comportados, obedientes aos pais e estudiosos. Nos textos também são presentes brincadeiras, mas, segundo Nosella, faz-se uma separação entre aquelas que são de meninas e as que são de meninos. Mostra ainda alguns textos que usam dos animais para induzir as crianças a determinadas atitudes de obediência, submissão e rigidez. A relação entre irmãos é relatada sempre como harmoniosa, um cuidando do outro. A relação entre os pais e os filhos também é sempre de amor, mas sendo os pais sempre autoridade e os filhos devem estar sempre tentando agradar para compensar a bondade dos pais. “Os filhos, dessa forma, incorporarão para sempre o comportamento de obediência e conformismo diante da autoridade de qualquer de seus superiores. ” (NOSELLA, 1978, p. 54)

Os avós são figuras presentes mostrando suas condições financeiras, sempre com muito dinheiro ou fazendas e sítios. Não aparecem com problemas comuns aos idosos. Os tios normalmente são padrinhos e levam para passear como os pais. A autora cita ainda as empregadas que aparecem nos textos de leitura. Elas devem ser honestas e limpas para garantir o afeto e fazer parte daquela família. Por fim

concluiu que a família dos textos analisados não refletem os problemas reais da sociedade, não mostra conflitos, como se ela vivesse separada do mundo e completa por si só.

3.3 A ESCOLA

Em relação à Escola, Nosella reconhece que, nos textos de leitura, o objetivo é mostrar a escola como garantia de salvação e sucesso. Assim, a ideologia discrimina a parte da população que não pode, por algum motivo, frequentar escolas. Esconde as questões sociais que estão por trás da realidade social que divide a educação “entre os que têm e os que não têm problemas econômicos” (NOSELLA, 1978, p.60). Acrescenta, então, que a classe social com mais poder pode dar melhores condições para os estudos de suas crianças.

Foram encontrados poucos relatos sobre a estrutura da escola, quando aparecem são muito vagos. O primeiro dia de aula foi apresentado como sendo muito feliz, a autora faz então uma crítica, já que, segundo ela, o comum são crianças gritando.

A professora é apresentada como uma pessoa dedicada, amorosa, uma segunda mãe. Ela também deve manter a disciplina com sua autoridade. Há uma relação entre as instituições de Família e Escola para que ambas tenham disciplina e afeto. Segundo a autora, os textos mostram que “é preciso manter uma atitude silenciosa dentro da sala de aula; séria e passiva, diante da professora, que é a autoridade a ser respeitada e obedecida.” Essa disciplina estaria ligada à passividade em vez de ao diálogo, assim como a ideologia apresentada em relação a família.

Geralmente aparecem mais mulheres nesse papel de sala de aula, quando apresentam um professor ele é descrito de maneira diferente, como um chefe, assim como o pai é na família. Isso seria porque a profissão de professor que não é muito valorizada, sobra para as mulheres enquanto os homens têm melhores cargos.

A relação professor-aluno, de acordo com Nosella, é como na família, bastante estereotipada, sem mostrar conflitos. Há sempre uma harmonia e união, mas com a verticalidade de autoridade. Sem espaço para diálogos, críticas e questionamentos.

Sobre o aluno, a autora relata que “o objetivo é transformá-lo em seres quietos, passivos e uniformes” (NOSELLA, 1978, p. 70). Mais uma vez, moldando

seu comportamento. A autora traz ainda um texto que mostra os alunos recebendo prêmios pelo seu bom comportamento. Segundo ela, a ideologia dominante busca, assim, transformá-los em adultos dóceis. Alguns textos mostram comportamentos considerados não adequados como atrasos, desobediência e acontece de alguma forma o destino castigar a criança, ou então relatam as atitudes por meio de personagens da fantasia.

Nosella afirma que essa ideologia esconde a relevância da condição sócio-econômica da criança para a sua educação; a injustiça social e a discriminação; o custo dos estudos para uma família; a moldagem feita para tornar cidadãos passivos e obedientes; o fechamento para a criatividade e criticidade.

3.4 A PÁTRIA

Os textos observados sobre o tema da Pátria aparecem normalmente em forma de poesias. Demostram, segundo relata a autora, um Brasil glorioso, com um belo futuro pela frente, e todos devem amar e ter orgulho da grandeza econômica e política que o país tem se tornado. Segundo a autora, essa imagem de grandiosidade do Brasil impede análises sobre a estrutura social capitalista, sem perceber as desigualdades.

Ainda de acordo com Nosella, as crianças se tornam responsáveis por esse futuro do país e os comportamentos sugeridos em todos os textos irão contribuir para isso. Sentem-se, desde cedo, responsáveis por esse cuidado. Além da união entre todos os brasileiros independente de suas condições sócio-econômicas. A autora acredita que isso deforma a realidade, que é de um explorando o outro. A ideologia aqui não aborda as diferenças como na realidade são. Seu papel é inculcar a ideia de que a relação de dominador e dominado é justa e deve permanecer.

Quanto às especificidades de cada região, para a autora, normalmente aparece como um modelo ideal que não condiz com a realidade do local. “O objetivo da ideologia dominante, em tal texto de leitura, é sempre o de omitir problemas sociais que enfrenta” (NOSELLA, 1978, p.85). Os textos estariam distorcendo a realidade para não questionar a situação de dificuldade do país, evitando a análises das crianças sobre o assunto.

Existem alguns textos relatando fatos heróicos de soldados que deram sua vida pela pátria. Mas, Nosella considera que a ideologia por trás disso não revela os interesses dessa guerra. Para ela, com base nos textos, deveriam ser levados a

servir a pátria enquanto, na verdade, estariam servindo à classe dominante. As crianças aprendem que existem todas essas autoridades acima delas e sempre estão sendo direcionadas ao serviço e à obediência a algum superior.

Para Nosella, os relatos históricos não levantam questões sobre suas causas e consequências. Normalmente são lançados sem um contexto e com uma visão individual. Impedindo assim posições críticas e com participação do povo.

Os elementos das artes e dos esportes também são exaltados. Por meio de pessoas que, através de suas habilidades, conseguem crescer e ter sucesso. Segundo a autora, a ideologia, nesses casos, quer mostrar que, independentemente das circunstâncias, é possível vencer na vida. A pátria já fornece tudo de que precisamos, por isso devemos ser gratos e honrá-la. Assim não são questionadas a situação social, política e econômica do país.

3.5 O AMBIENTE

Com relação ao meio ambiente, sempre aparece a diferença de campo e cidade. O homem do campo não apresenta problemas, está sempre em contato com a natureza. O agricultor aparece sempre muito feliz e em meio à fartura e às maravilhas da natureza. Nosella mostra que “está é a classe mais explorada: o proletariado rural”. Os textos não mostram os problemas da vida desses trabalhadores.

O campo e a cidade possuem uma dependência que é vivenciada de maneira harmônica. Segundo a autora, isso esconde o problema de êxodo rural, esconde a relação conflituosa que existe entre esses meios, a questão da reforma agrária etc. Impede, então, as análises dos fenômenos sociais que acontecem ali.

Quando se refere à cidade, para a autora, sempre se fala de consumo, os textos descrevem o desenvolvimento, as grandes construções. Sem citar os problemas ali presentes, como super lotação, desemprego, falta de assistência, falta de área verde e lazer.

Os textos tratam da natureza como um lugar puro com sua fauna e flora. Trazem a importância de preservar as árvores e manter o equilíbrio necessário. A autora critica a falta dos relatos referindo-se aos problemas de poluição e desmatamento, escondem os problemas econômicos e sociais envolvidos no assunto.

Algumas vezes, os textos retratam as crianças com uma relação sentimental com a natureza. Muitas vezes o mar, as estações do ano aparecem de forma poética. Existe uma grande fantasia nesse texto, elementos que não condizem à realidade do Brasil, como a neve que é uma importação cultural, além de animais e personagens inanimados que ganham voz nas histórias junto com as criaturas míticas. Segundo a autora os objetivos desses textos “é sempre o de dissimular os sérios problemas ecológicos criados pelas relações de produção da sociedade capitalista” (NOSELLA, 1978, p. 110).

3.6 O TRABALHO

Nosella considerou que os textos de leitura sobre trabalho, o mostram como um entretenimento de muita alegria. Acompanha o homem por toda sua vida e é uma virtude que vai trazer as coisas, as suas felicidades e riquezas. Mas a realidade, segundo Nosella, é que isso não é uma regra, muitos que se dedicam ao trabalho ainda não conseguem ter sucesso dentro da sociedade capitalista. E ainda assim os textos de leitura apresentam o trabalho como a razão de felicidade que livra de situações como vício, tédio e miséria.

A autora destaca que as profissões utilizadas como exemplo são bem antigas e artesanais, muitas já nem existem mais e ainda são descritas com características básicas e alegres. Segundo a autora, fazem isso para esconder a realidade das indústrias, que estão tomando conta do cenário capitalista e escondem também as relações entre patrão e proletariado. Isso impediria que os empregados percebam as explorações que estão sofrendo.

A autora ainda mostra que as profissões são colocadas no mesmo lugar de igualdade, assim todas são úteis e têm o seu valor. Não existe diferenças sócio-econômicas entre eles, cada um tem a sua utilidade e deve trabalhar com cooperação. É assim que as crianças devem pensar e escolher sua profissão. Esconde a pressão que existe para seguirem determinadas profissões.

Na análise, considera-se que pouco se fala das indústrias, quando se fala, acontece de maneira idealizada, com transformações de matéria prima. Não se fala o que está por trás das indústrias, “sobre os inúmeros problemas sociais existentes no mundo do trabalho: injustiças e desigualdades, nas condições de trabalho, que estão patetes nestes textos” (NOSELLA, 1978, p.123).

Usam intencionalmente, segundo avaliação da autora, mais uma vez de figuras animais pra mostrar o valor do trabalho e que cada um faz a atividade que já veio desde quando nasceu. Não existindo uma atividade menos do que a outra, sem injustiça. A ideologia capitalista está, segundo a autora, estereotipando as relações de trabalho e tenta harmonizar isso dizendo haver uma igualdade.

3.7 OS POBRES E OS RICOS

Os textos, na análise de Nosella, dividem em pobres e ricos as classes sociais. Segundo a autora, eles trazem uma mensagem “altamente alienante, pois propõem que a riqueza não resolve os problemas dos indivíduos, nem lhes traz felicidade.” (NOSELLA, 1978, p.128). Com esse discurso, as crianças não seriam capazes de perceber os privilégios dos ricos capitalistas, no entender da avaliação realizada.

Condenam-se o apego aos bens materiais e a indiferença dos governantes em relação às dificuldades do povo. A ambição é condenável. Continuam com a ideia de igualdade apesar das pequenas diferenças entre ricos e pobres. Não conseguem expressar os problemas sociais e suas causas.

Destaca-se que o problema como a seca é visto como algo normal, quando a chuva voltar devem comemorar e agradecer o milagre. Isso não leva os alunos a pensarem as causas da seca, as injustiças que acontecem e o descaso.

Ser rico é sempre devido a uma situação de sorte que ocorreu ou ao trabalho. Segundo a autora, a ideologia dominante estaria ocultando os mecanismos de acúmulo de capital.

De acordo com a crítica da autora, as crianças pobres muitas vezes aparecem trabalhando e as ricas fazem caridade para ajudá-las. Não se referem às causas das diferenças entre elas. Enquanto as pobres brincam usando a imaginação, as ricas não precisam disso, têm seus próprios brinquedos.

Além disso, as crianças ricas aparecem em situações bem restritas a uma parte da sociedade, sempre em piscinas, sítios, viagens do exterior, também relatam seus hábitos de higiene e alimentação. Nosella acredita que esses textos humilham as crianças pobres, já que a grande maioria da população não teria condições de manter esses hábitos de limpeza ou uma alimentação adequada.

Por fim, ela conclui que a relação entre ricos e pobres é hierarquizada, os ricos doam aos pobres. Os ricos não são felizes pela sua riqueza, chagam a querer a felicidade dos pobres e percebem que o necessário está nas coisas mais simples.

3.8 AS VIRTUDES

Para a autora, perpassam por todos os temas, sugestões de comportamentos para que as crianças se tornem pessoas virtuosas. O questionamento de Nosella é porque a família burguesa quer empurrar o que considera como bons costumes para todos como regras universais. Essa cultura dominante inferioriza os pobres e os coloca como sem educação.

A ideia de ordem estaria sendo veiculada como uma virtude enquanto na verdade está querendo apenas manter as pessoas passivas. Também a virtude da obediência mantém esse comportamento. Segundo a autora, isso “pode caracterizar uma forma de violência muito sutil, pois obriga disfarçadamente a pessoa a incorporar tais valores à estrutura de sua personalidade” (NOSELLA, 1978, p. 144)

Considera-se que a virtude da união também é bastante frequente, utilizando-se mais uma vez de textos com animais. Mas, em vez de promover a solidariedade, busca ter maior produção. O conformismo e a passividade, segundo a análise da obra, são muito valorizados, isso serve para que todos aceitem as condições que lhes são dadas sem pensar em uma mudança da realidade em que estão inseridos.

Para a autora, as histórias com animais aparecem para mostrar muitos comportamentos desejados de forma exagerada, isso porque não seria possível demonstrar autoridade, castigo e repressão com personagens reais.

3.9 AS “EXPLICAÇÕES CIENTÍFICAS”

Nosella considera que os textos de leitura têm dificuldade de dar explicações científicas, por isso sempre usam da fantasia. Personificam os elementos da natureza e não fornecem uma explicação real dos fatos. São histórias, mitos e lendas.

A autora afirma que essa não é uma perspectiva cultural, pois pretenderiam, na verdade, controlar a curiosidade da criança. Conclui que são necessárias essas omissões das explicações científicas para que se mantenha a ideologia. Os textos de leitura dizem não fornecer uma explicação real aos alunos, pois a criança é

incapaz de compreender, mas na verdade escondem para que os alunos não tenham uma postura crítica.

3.10 O ÍNDIO

Os índios aparecem frequentemente nos textos e são apresentados de maneira distante e com inferioridade. Relatam, ainda, guerras e maldades, como se essas não acontecessem na cultura dos homens brancos. Na história do Brasil, os índios são vistos como colaboradores, escondendo a exploração e destruição de cultura.

Alguns contos o mostram como corajoso e outros o ridicularizam colocando como inferior. As crianças indígenas são apresentadas, conforme a analista, como felizes e brincam com as outras crianças, apenas com alguns elementos de diferenças mas que não impedem a harmonia entre elas.

Em geral, para a autora, os indígenas são estereotipados, como pessoas que vivem na floresta, que ganharam a cultura verdadeira com a chegada dos brancos. Não se mencionam as questões de cultura e problemas territoriais por exemplo.

3.11 CAPAS E ILUSTRAÇÕES

Neste último tema abordado por Nosella, ela traz algumas imagens retiradas dos textos de leitura. Conforme os comentários da autora, as imagens também são meios de transmitir a ideologia, que podem complementar os textos ou ser até mais eficientes.

Em geral, as críticas às imagens defendem que a ilustração não mostra a realidade da sociedade. São situações ideais, com famílias estereotipadas e papéis bem definidos, sem mostrar conflitos. Questionam-se também imagens que mostram a autoridade dentro da escola, a união pela pátria, a natureza, que aparece perfeita, sem mostrar a depredação capitalista.

Considera-se que as imagens sobre o trabalho mostram pessoas felizes escondendo a exploração que ocorre. Pobres e ricos também aparecem nas ilustrações unidos, sem questionar as diferenças. O conformismo é repassado nas ilustrações sobre virtudes. E, segundo a autora, os índios ainda são ridicularizados.

3.12 CONCLUSÃO

Nosella faz uma conclusão geral e as específicas de cada tema apresentado no decorrer de seu livro. De maneira geral, conclui que a ideologia subjacente cria um mundo imaginário escondendo as realidades. Os temas se relacionam e têm características comuns como o relacionamento vertical de obediência, os modelos de comportamento e o valor do sacrifício que esconde a exploração. Entende ainda que:

Numa sociedade capitalista, onde a função de tais textos tem sido a de veicular a ideologia da classe dominante, com o objetivo de reproduzir as condições de dominação e exploração da classe dominada, as esperanças de libertação mediante a escola (enquanto aparelho do Estado) são mínimas. (NOSELLA, 1978, p.181)

A autora pensa então nas crianças que são submetidas a esse tipo de texto. Espera que elas possam perceber a realidade como é de fato e não coberta com as mentiras dos textos de leitura.

4. A METACRÍTICA DO LIVRO DE NOSELLA

Depois de conhecer a obra de Nosella, proporemos uma metacrítica, afim de mostrar algumas falhas de sua interpretação, sua distância com o próprio marxismo e desconsideração à realidade da sociedade e do público dos livros didáticos e cartilhas.

4.1 O CONCEITO DE IDEOLOGIA

O subtítulo do livro *As Belas Mentiras* é “a ideologia subjacente aos textos didáticos”. Já mostra a ideia de manifestar essa ideologia que a autora afirma estar escondida nos textos. Então faz-se relevante mais uma reflexão sobre o conceito de ideologia.

Nosella usa o conceito de ideologia como um grupo de ideias que orienta um determinado grupo social. Acrescenta que a ideologia:

poderá estar a serviço da dialética da História – explicitando as contradições – como poderá exercer uma função conservadora – camuflando as contradições objetivas. No primeiro caso, tem-se uma ideologia objetiva; no segundo uma ideologia falsa e mistificadora. (NOSELLA, 1978, p. 23)

Dessa forma, percebemos que o termo não está precisamente definido. Como vimos com Boudon e Bourricaud (2000), o conceito é mais complexo e precisa levar em consideração diversos fatores como contexto, grupos e interesses. A autora define ainda dois lados da ideologia, sendo uma objetiva e a outra falsa.

É partindo dessa ideia de uma ideologia com função conservadora que Nosella faz sua explicação no livro. Percebemos então a ideia de colocar tudo em um mesmo patamar e considerar que se trata de uma camuflagem. O papel, para ela, seria de acobertar a ideologia burguesa com uma mistificação que não condiz com a realidade.

Não podemos considerar essa ideologia como evidente, existem elementos a serem discutidos com maior atenção antes de considerar que se trata de uma atitude perversa visando esconder um ideal maior da burguesia.

Vejamos um caso a seguir do capítulo sobre a escola. A autora apresenta o seguinte texto:

O esforço Recompensado (título).

Otávio (...). (...) se dirigia à escola, ao passar em frente a uma **grande e luxuosa casa**, o menino que ali morava gritou-lhe: - Menino (...), onde vai com tamanha pressa?

- Vou à escola – respondeu Otávio.

- Ora, deixe de ser bobo! (...). Venha brincar comigo! (...).

- Não posso, preciso estudar – disse Otávio.

E, enquanto caminhava, ia pensando: - Se Deus quiser, o meu esforço será recompensado.

E Otávio, já moço voltou ao lugar do tempo de criança.

Foi procurar pela casa bonita de Rubens, mas, ao passar em frente, encontrou ali apenas um homem maltrapilho, entre as ruínas da casa. (...).

- E o menino que aqui morava? – indagou Otávio.

- Aquele menino sou eu – respondeu Rubens. Um incêndio medonho destruiu tudo, ficamos pobres. E como eu não sabia fazer nada, agora vivo de esmolas.

Otávio pensou: Tinha razão minha mãe, que dizia: - O estudo é um tesouro. E um tesouro que ninguém consegue destruir. Hoje estou formado e arranjo emprego com facilidade. (NOSELLA, 1978, p. 60 apud MARTINS, p. 80-88 grifos nossos)

Logo após citar esse texto, a autora explica:

A ideologia da classe dominante, portanto, valoriza o desempenho e a conclusão escolares. As pessoas que possuírem as melhores e mais extensas qualificações escolares terão melhores oportunidades de bons empregos e salários. Essas pessoas deverão, conseqüentemente, pertencer à classe social privilegiada, pois só esta possui condições econômicas para oferecer as suas crianças tão dispendiosas qualificações. (NOSELLA, 1978, p. 61)

Na verdade, o texto apresentado mostra uma situação diferente. Foi a criança com menores condições que teve acesso à escola e pôde se qualificar. Enquanto a criança rica preferiu não frequentar a escola, perdeu tudo o que tinha devido a um incêndio e, por não ter qualificação profissional, não conseguiu recuperar sua condição. De fato há uma valorização do desempenho escolar, mas isso não é restrito à ideologia da classe dominante. A sociedade como um todo reconhece a importância da escolarização. Não só para a formação profissional, mas para a formação do cidadão/indivíduo.

No tema Trabalho, a situação acontece novamente. A autora retira o seguinte texto de um livro didático:

Mimosa, a Bezerrinha. Um dia, Mimosa viu uma abelha muito ocupada, voando de flor em flor.

- Que faz você, amiga abelhinha?

- Estou trabalhando. Colhendo o mel das flores. Todos nós devemos trabalhar.

Mimosa resolveu trabalhar. Chegou num jardim e deu uma chupada tão forte nas flores, que elas se despetalaram todas. A mãe de Mimosa, que observava tudo, chegou perto dela e disse-lhe: - Não fique triste, Mimosa. Cada um, no mundo, tem que fazer uma coisa. Você vai crescer, ter filhotes, dar leite para eles e para as pessoas também, Este será o seu trabalho. (NOSELLA, 1978, p. 125 apud NEVES, p.28)

Depois faz a seguinte análise: “A ideologia capitalista dominante, como se vê, harmoniza o mundo do trabalho, igualando as diferentes profissões, estereotipando as relações de trabalho, idealizando os trabalhadores.” (NOSELLA, 1978, p. 125)

Dizer que simples características da nossa sociedade (valorização da escola e diversidade de trabalhos) fazem parte da ideologia capitalista é muito arriscado. Vai muito além do que se pode perceber com esse e os demais textos apresentados sobre o tema. Na realidade, os textos mostram apenas a importância do estudo e a realidade de divisão de trabalhos.

No capítulo sobre Pátria, Nosella apresenta que os textos desse tema costumam aparecer em forma de poesia exaltando o Brasil. Um dos textos apresentados é o seguinte:

Minha Terra (título).

Tem tantas belezas tantas, / A minha terra natal, / Que nem as sonha um poeta, / E nem se canta um mortal / É uma terra encantada / - Mimoso jardim de fada - / Do mundo todo invejada, / Que o mundo não tem igual. (NOSELLA, 1978, p. 78 apud, METTIG e MAGALHÃES, p. 28)

Após citar outros textos do mesmo tipo, a autora afirma que “estes textos, sempre de acordo com a ideologia dominante, querem inculcar nos alunos a imagem de uma Pátria poderosa, com o objetivo de impedir análises críticas sobre [...] estruturação social capitalista do país” (NOSELLA, 1978, p.79).

O texto acima citado, da autoria de Casimiro de Abreu, poeta brasileiro da segunda geração do romantismo, e os outros apresentados por Nosella, mostram as belezas do Brasil, valorizam a natureza e demais características locais. Nosella generaliza sobre os textos e afirma que não falam sobre temas como a desigualdade gerada pelo capitalismo, com o objetivo de manter uma ideologia burguesa. Mas os textos apresentados parecem ter o objetivo apenas de passar o sentimento de orgulho do Brasil.

Percebemos então como o termo *ideologia* é delicado e não se pode banalizar. Não é tão evidente quanto a autora sugere e não podemos simplesmente encaixar tudo como parte da ideologia do grupo dominante.

4.2 DISTÂNCIA ENTRE NOSELLA E O PRÓPRIO MARXISMO

A interpretação de Nosella é inadequada em relação ao próprio marxismo por ela assumido. Pois este reconhece que há uma diferença na ideologia que influencia a sociedade.

Como vimos anteriormente, Gramsci diferencia os Intelectuais Tradicionais dos Intelectuais Orgânicos. Sendo estes os intelectuais que estão de fato a serviço de um grupo e busca disseminar os interesses particulares. Enquanto aqueles estariam servindo a si mesmos, passando aquilo que será mantido em uma sociedade.

Percebendo essa diferença, já se faria uma análise de cunho marxista, mas com um rigor maior que o faz Nosella, já que a autora desconsidera o fato de existirem esses valores que tratam de uma “continuidade histórica” (GRAMSCI, 1982). Os textos dos livros muitas vezes trazem temas que se encontram nessa situação, manifestam valores mantidos na sociedade. Não subordinados a uma classe, dominante como Nosella afirma.

Percebemos isso claramente no capítulo sobre a Família: “A união da família, em horas difíceis, contribui para a solidariedade eficaz e os obstáculos tornam-se mais fáceis de serem vencidos” (NOSELLA, 1978, p. 48 apud OLIVEIRA, Maria Braz C.: VS 4ª série p. 8). Mais adiante a autora faz a seguinte análise “Mais uma vez, fica evidenciado que o objetivo principal da ideologia desses textos é a família como instituição e não como pessoas concretas.” (NOSELLA, 1978, p. 48)

Em outra situação, tratando sobre as Virtudes, Nosella acrescenta ainda que “a virtude da união, elogiada nos textos, visa fortalecer a coesão de toda a sociedade. Além disso, a virtude da união é inculcada para promover maior produtividade.” (NOSELLA, 1978, p. 145)

No entanto, o texto apresentado mostra apenas a família como foi constituída há muito tempo pela sociedade. A importância da união, ajudar um ao outro é uma questão que foi criada há séculos. Não se trata de uma ideologia e muito menos nega que sejam pessoas concretas que estão envolvidas ali. Apenas sugere uma família em que os membros se ajudam. A união foi também construída pela sociedade em anos, não se trata de um interesse ideológico para produção e lucro.

Outros valores criticados por Nosella são os relacionados a respeito, disciplina e autoridade. Cita em um texto sobre a escola “... a classe estava toda

alegre. A professora entrou. Houve silêncio.” (NOSELLA, 1978, p. 64 apud OLIVEIRA, Maria Braz, p.28) em sua análise, Nosella afirma que a “autoridade baseia-se no respeito, obediência, passividade”. Isso serviria tanto para a escola quanto para a família.

Não podemos, contudo, considerar que uma pessoa obediente está sendo reprimida “por uma sociedade repressiva como esta em que se vive” (NOSELLA, 1978, p. 65). A autoridade dos pais e dos professores é uma tradição, são pessoas que convivem há muito tempo com as crianças e estabelecem um vínculo de relação com respeito. O silêncio que os alunos fazem quando a professora entra não significa repressão ou falta de uma postura crítica. Apenas um respeito básico, cuidado ao ouvir o outro, valorizar o que está sendo passado pela professora ou pelos pais.

São questões ligadas ao que Gramsci define como Intelectuais Tradicionais, que guardam aquilo que a sociedade constrói lentamente por anos. Não é uma questão ideológica da classe dominante, como Nosella afirma em sua análise, ou, pelo menos, trata-se de um papel indireto dos intelectuais tradicionais no jogo ideológico. Isso significa que a visão de mundo dos intelectuais tradicionais alimenta a ilusão de que os valores são universais, independem da época e das condições materiais de existência.

Nosella categoriza os textos das cartilhas em grupos e organiza, assim, os capítulos de seu livro. Família e Escola são dois deles. Também apresenta textos sobre o trabalho, pátria, ambiente entre outros. Percebemos então uma aproximação com a teoria de Althusser, que vai categorizar os Aparelhos Ideológicos de Estado que são como a divisão da autora.

Segundo a teoria de Althusser (1980), a ideologia dominante utiliza os AIE para manter o seu pensamento dominando a sociedade. Seria isso então que a análise de Nosella nos sugere: trazer, a cada capítulo, aspectos de dominação de determinado aparelho. Sendo assim, os aparelhos apresentados trabalham para manter a hegemonia de determinada classe.

Althusser destaca o AIE da Escola como fundamental para exercer a dominação. Exatamente por abranger grande número de pessoas e em uma fase de vulnerabilidade, pois são crianças imaturas. De fato é assim, a escola tem todo esse peso. Nosella acredita que, com os textos das cartilhas e livros, a Escola está

mantendo o poder da burguesia. Enquanto estão apenas expressando aquilo que foram acumulados pela sociedade durante anos.

Consideramos que, na verdade, o que os textos apresentam são elementos muito anteriores a qualquer ideia de burguesia e capitalismo. A Família é uma instituição muito básica da sociedade, os valores são passados há séculos, independentemente do grupo que está no poder. Mais uma vez, são perpetuados pelos Intelectuais Tradicionais e não pelos orgânicos, que querem introduzir o pensamento de um grupo particular.

4.3 CONSERVADORISMO E TRADICIONALISMO

Consideramos, então, que a crítica de Nosella não está relacionada a uma ideologia burguesa ligada ao sistema capitalista. Mas uma crítica ao conservadorismo mantido pelos Intelectuais Tradicionais que é refletido nos textos analisados pela autora.

Para entender melhor a questão do conservadorismo, tomaremos a visão de Michael Oakeshott, em que “ser conservador significa uma inclinação a pensar e a comportar-se de determinada forma; é preferir certas formas de conduta e certas condições das circunstâncias humanas a outras.” (OAKESHOTT, 2014, p. 4)

Assim, conservador é aquele que tem a tendência de manter aquilo que já é conhecido. Tem atitudes que já são esperadas e preferidas pela sociedade em geral. “não existe nenhuma idolatria simples pelo que já passou ou já se foi. É o presente que é apreciado [...] pela sua familiaridade” (OAKESHOTT, 2014, p. 4). Trata-se de preferir o que está acontecendo agora, o que é conhecido como resultado de muitos anos de aprendizagem.

Levando em consideração que foram anos pra chegar até aqui, não seria viável de uma hora para outra transformar tudo como se não fosse mais relevante. “as mudanças pequenas e lentas serão, para ele, mais toleráveis que as grandes e repentinas.” (OAKESHOTT, 2014, p. 6). Uma mudança exige uma adaptação, haverão perdas e ganhos e deve haver um preparo gradual para isso.

Essa é outra questão levantada por Oakeshott “a inovação implica uma perda certa e um ganho possível” (2014, p. 8). Assim funcionamos conseqüências daquela ação. Sabe-se que algo conhecido irá sumir e o que vai vir de ganho ainda não é conhecido, isso gera uma insegurança em relação ao novo. Além da questão de identidade que precisamos conhecer para defendê-la.

Em entrevista a Bruno Garschagen, Olavo de Carvalho (2008) também argumenta sobre a importância do conservadorismo:

A auto conservação é a necessidade básica dos seres vivos. A própria capacidade de crescimento, desenvolvimento e adaptação a novas circunstâncias não é senão o instinto de autoconservação visto sob seu aspecto ativo e –nos seres humanos – criativo. [...] Todo desenvolvimento deve buscar em primeiro lugar a conservação dos bens adquiridos, e só em segundo lugar a conquista de novos bens. (CARVALHO, 2008)

“A postura conservadora é mais apropriada que qualquer outra sempre que a estabilidade for mais proveitosa que a mudança, a segurança mais valiosa que a especulação, a familiaridade mais conveniente que a perfeição” (OAKESHOTT, 2014, p. 13). Trata-se de uma estabilidade, não lançar ao acaso aquilo que já temos pelo que é novo. É preciso uma moderação para que não se lancem em uma militância por uma causa incerta.

Todo processo de mudança ou inovação deve acontecer de forma lenta, assim como os Intelectuais Tradicionais podem agregar certos pontos de Intelectuais Orgânicos em um processo lento. Trata-se de manter uma identidade da sociedade, valorizar aquilo que foi adquirido por uma sociedade milenar, ter uma segurança, poder desfrutar daquilo que já foi conquistado em vez de se lançar ao desconhecido arriscando tudo.

Tudo é um processo, não se trata de transformações repentinas. É muito mais profundo do que um simples direito alcançado por militantes de determinado grupo. É importante que se tenha um conservadorismo agindo com cautela para garantir que permaneçam as características daquela sociedade como um todo e não como grupos particulares.

As reais mudanças em aspectos tão elementares acontecerão efetivamente se pensados por anos, calculando as perdas e os ganhos, ganhando segurança e fazendo planejamentos.

Percebemos isso no uso de castigos físicos que eram utilizados na criação dos filhos dentro de casa e na escola. Hoje isso praticamente se extinguiu. Vamos refletir um pouco esse processo. Sabemos que a punição física que era comum há duas ou três gerações, se tornou inadequada. Principalmente na escola, o uso de palmatórias, deixar a criança de joelho no milho, bater a régua em sua mão, passou a ser mal vista. A agressão física não condizia com os objetivos da instituição. Da mesma forma com a família dentro de casa.

Foi-se percebendo que esses recursos não eram adequados, causavam um dano muito grande, além da dor física, o trauma emocional. Não se alcançava o que pretendia e ainda prejudicava a criança. Com uma reflexão e percepção dessa realidade, aconteceram mudanças lentamente.

Não foi preciso uma militância ou profundas manifestações de grupos para transformar a realidade. É um processo que se dá pela conscientização individual, experimentando de outros meios na educação dos filhos, diálogos na escola que funcionam melhor e foram capazes de transformar a situação de maneira gradual, simples e profunda a ponto de se tornar inaceitável uma professora bater ou gritar com o aluno.

No livro *As Belas Mentiras* são apresentados textos de cartilhas com conteúdos conservadores. Existem referências da sociedade formada por essas experiências e mudanças lentas que ocorreram na sociedade. Mas o que Nosella, em sua crítica, sugere é que os textos são pertencentes a uma ideologia burguesa e os critica como se fosse bastante clara a presença de um grupo dominante tentando manter o domínio da massa.

Uma situação que a autora critica é o papel da mãe na educação dos filhos. Pois segundo ela, “a psicologia moderna, contudo, não parece achar tão perfeita e sadia a influência das mães na educação das crianças” (NOSELLA, 1978, p.41). Vejamos o seguinte texto que a autora analisa:

Diz um provérbio que se imaginou criar um ser que se destacasse pela sua bondade, pelo seu perdão, e pelo mais puro de todos os amores. Assim pensando, criou-se a mãe (...). O amor de mãe, a pérola mais pura/ do brando orvalho das manhãs virentes, / apaga as nódoas da alma negra, impura / e muda o pântano e jardins olentes. (NOSELLA, 1978, p. 41-42 apud RICCHETTI, Henrique e BRESCIA, Daisy, p.38-39)

Esse e os diversos textos que a autora adota como referência para tratar da família, mostram a figura da mãe como é a maioria das mães na sociedade brasileira. Aquela que ama incondicionalmente, cuida, acolhe, aquela que é conselheira, bondosa, responsável pela educação dos filhos. Realmente o que corresponde a figura materna como, em geral, conhecemos.

Mas Nosella acredita que isso é “uma forma de impedir qualquer revolta de um ser humano que está sendo explorado” (NOSELLA, 1978, p. 42). Para manter a mãe em casa, submissa. E sugere que os livros deveriam mostrar uma mãe real, com defeitos, errando, triste ou com ambições de trabalho, por exemplo.

Atualmente, a realidade das famílias vem mudando, não porque a mãe estava sendo explorada, mas porque a mulher tomou um lugar no mercado de trabalho, as tarefas do lar foram mais divididas, a necessidade ou a vontade de ter a própria renda aumentou e isso se dá lentamente, conforme a necessidade da sociedade.

Ao contrário disso, percebemos um movimento militante querendo novas configurações a todo custo. O ataque à família é comum, pois se trata de um núcleo de formação fundamental para qualquer ser humano.

“O ensino da ética deve veicular novos valores. Inicialmente, porém, deve bloquear a transmissão dos antigos valores de uma geração a outra” (BERNARDIN, 2013, p. 35). Pascal Bernardin, em seu livro *Maquiavel Pedagogo* apresenta um levantamento de diversos documentos de referência mundiais em que se pode perceber o combate ao que já temos pra inserir novos valores e ideais em seu lugar. Como o caso a seguir:

Os conselhos e as ordens dados pelos pais, pelos avós, pelos vizinhos, além de possivelmente contraditórios, não tornam o indivíduo, assim educado, consciente de sua liberdade pessoal e das escolhas éticas que ele poderia fazer. Ademais, essa transmissão implícita compreende os valores tradicionais ligados ao meio social ou a um meio religioso em particular [...] para superar esse modo pouco seguro de transmissão, para seguir rumo a uma tomada de consciência pessoal e a uma escolha de valores universalmente válidos, é necessária uma educação formal que explicita esses valores. Essa explicitação pode e deve ser feita pela escola [...] a fim de que cada criança, cada jovem possa, livremente, formar uma consciência ética. (BERNARDIN, 2013, p. 36 apud UNESCO, *Education, culture, human rights and international understanding*, sem data, p. 5)

A União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é a referência mundial que estabelece diretrizes que orientam os países com o objetivo de ter paz, educação, informação entre outros aspectos. Assim percebemos como essas ideias estão sendo espalhadas amplamente.

A educação escolar está tomando conta dos valores que eram passados pela família. Cada vez mais os genitores ficam de fora dessa ação. Assim como Nosella sugere livros com novos valores, afirmando que a influência da mãe não seria tão sadia na educação dos filhos. Existe uma troca de papéis, a família é excluída e a escola se encarrega de transmitir os novos valores no lugar daqueles construídos pela sociedade. Como vimos na referência da UNESCO, isso seria para o estudante formar sua consciência livremente. O que é contraditório, pois deixou claro que a escola deve passar os novos valores que são de seus interesses.

Olga Pombo também comenta sobre essa substituição de papéis:

Estamos pois perante uma situação terrível – a mais terrível de todas, a meu ver – a progressiva e alarmante transferência para a escola das responsabilidades educativas que, naturalmente, e desde sempre, pertencem à família. (POMBO, 2003, p.12)

Confirmamos, mais uma vez, que a escola está encarregada de novas funções. Cuidam de transmitir novos valores que aos poucos transformam a sociedade de forma geral.

Ao longo de seu livro, Nosella sugere diversas alterações nos textos sempre criticando os conteúdos que são puramente situações mantidas por anos de experiência. A ideia que cerca é realmente uma retirada do conservadorismo para que a escola traga novos valores. Quando na verdade, a escola deveria apenas “fazer aquilo para que foi inventada: ensinar” (POMBO, 2003, p.14).

4.4 INTERPRETAÇÃO DAS IMAGENS

No último capítulo do livro, Maria Nosella apresenta algumas imagens dos livros e cartilhas analisados por ela, propondo-se a analisar a ideologia subjacente a tais imagens. No entanto, a interpretação apresentada quase sempre não menciona o texto em que a imagem foi inserida no esforço de interpretar a própria imagem. Isso dificulta a nossa própria análise. Apresentaremos agora cinco dessas situações.



Para essa primeira imagem, a autora afirma que:

Não há reais explicações científicas nos textos de leitura, mas apenas pseudo explicações, como esta da ilustração que mostra como surgiu a noite. A “causa” foi a curiosidade dos índios que abriram o caroço de tucumã, onde a noite estava encerrada. Recursos fantasiosos como estes são ideologicamente interessantes, porque impedem que as crianças desenvolvam uma consciência crítica e/ou científica. (NOSELLA, 1978, p. 174)

Percebemos uma característica comum dos contos e lendas, a condicional que sempre priva uma coisa para que outra seja alcançada:

A dádiva apoia-se sempre num veto. Todas as estonteantes e colossais coisas que são concedidas dependem de uma pequena coisa que é negada. As mais extravagantes e desvairadas coisas são postas, livremente, à nossa disposição, mediante uma pequena coisa que nos é proibida (CHESTERTON, 2013, p. 88)

A própria Nosella analisa o texto que acompanha essa imagem separadamente no capítulo As “Explicações Científicas”. Fica explícito que a imagem e o texto estão tratando de uma lenda, não é uma tentativa de propor explicação científica sobre o dia e a noite: “Como Surgiu a Noite (título). Conta a lenda que, no princípio, a noite estava escondida no fundo das águas. Era sempre dia. A filha da Cobra-Grande queria se casar” (NOSELLA, 1978, p. 153 apud TAVARES, Oneide S. e Gordo, Nívia, p. 40). Logo após citar o texto, a autora conclui que os mitos aparecem em lugar das explicações científicas porque os autores dos textos de leitura supõem que as crianças são incapazes de entender as explicações reais. Além disso esse tipo de estória estaria censurando a curiosidade dos alunos.

Observando a imagem e o texto sobre a lenda de como surgiu a noite, não reconhecemos nenhuma imposição para que a estória seja uma verdade científica, mais ainda, não há nada que impeça a criança de buscar outras respostas. Vimos como o texto já apresenta a situação como uma lenda, não há uma ideologia por trás querendo esconder algo. Assim como todas as lendas, o texto apresenta uma questão cultural, o mito que faz parte da cultura de um povo.

Outra característica muito criticada por Nosella é a disciplina e tudo que a cerca. Como vimos anteriormente, a autora recrimina a autoridade dos pais e professores, a obediência e o respeito, pois estariam reprimindo e deixando a

criança sempre como passiva. É isso que acontece mais uma vez quando a autora analisa a seguinte imagem:



FONTE: CAMARGO, Nelly de e outros: *TE*, 1º livro, p. 52.

A autora interpreta então que a situação “se baseiam no modelo autoritário e repressivo da escola, onde a disciplina é mais valorizada do que a curiosidade, a criatividade[...] alunos obedientes tornar-se-ão cidadãos pouco críticos” (NOSELLA, 1978, p.166).

Primeiramente devemos entender que a questão da obediência à autoridade acima das crianças é uma situação que sempre vai existir. Trata-se de respeito e reconhecimento àqueles que foram fundamentais para nossa criação e formação. “Devemos, também, obediência àquele que nos fez, seja quem for.” (CHESTERTON, 2013, p. 101)

Tratando diretamente da ilustração, não podemos analisar precisamente sem o texto original que está veiculado a ela. Mas podemos notar um homem com aparência mais séria, algumas crianças com expressões ruins e outras crianças brincando livremente. Possivelmente aconteceu alguma situação em que o homem, talvez professor ou diretor, teve uma postura de responsável para resolver. Não mostra repressão ou pouca criticidade por parte das crianças, é apenas um recorte. Além disso a cena mostra alunos podendo experimentar e exercitar sim a criatividade.

Contraditoriamente, na próxima imagem que veremos, Nosella reprime a criatividade que antes defendeu:



FONTE: CEGALLA, Domingos P.: *JB*, 4ª série, p. 28.

“Como pode um tal desenho ilustrar textos de leitura que falam do inverno brasileiro” (NOSELLA, 1978, p. 169). Durante o capítulo sobre Ambiente, Nosella critica: “A neve é um elemento relativamente constante nos textos de leitura, revelando uma absurda, ridícula, irritante e desnecessária importação cultural” (NOSELLA, 1978, p. 108).

De fato, a neve não é comum no Brasil, mas não deixa de ser uma característica marcante do inverno, é presente em diversos outros países. Além disso, é comum na imaginação das crianças o pensamento de um dia conhecer esses lugares e poder brincar, montar bonecos de neve e fazer lutinhas de neve. Ademais, o material escolar não precisa se restringir à realidade local dos estudantes, mas pode e deve apresentar outras realidades, com a devida

contextualização, inclusive para dar oportunidade aos alunos de conhecerem outras culturas.

“Acreditamos em milagres materiais, mas não em impossibilidades mentais.” (CHESTERTON, 2013, p. 82). A criança se encontra em momento de criatividade, imaginação e fantasia. Nada a impede de imaginar que poderia brincar na neve, mesmo sabendo que seria pouco provável isso acontecer em sua cidade. Tudo é possível em sua imaginação e isso não exclui as possibilidades reais e científicas.

A próxima ilustração que destacamos é a seguinte:



FONTE: CEGALLA, Domingos P.: *JB*, 4ª série, p. 5.

A autora interpreta que “essa ilustração deixa evidente a “especialidade” atribuída ao índio, como selvagem, de matar onças, inferiorizando-o e ridicularizando-o” (NOSELLA, 1978, p. 175)

Durante o capítulo destinado ao tema índio, a autora também defende que os textos trazem essa inferioridade. “as descrições passam a trazer elementos, que procuram demonstrar a inferioridade do índio e de sua cultura, como neste texto:” (NOSELLA, 1978, p.156)

Eram supersticiosos. Adoravam Jaci (Lua), Guaraci (Sol) e Tupã (deus do bem. Temiam Anhangá (deus do mal). Acreditavam em gênios: Saci, Curupira etc.

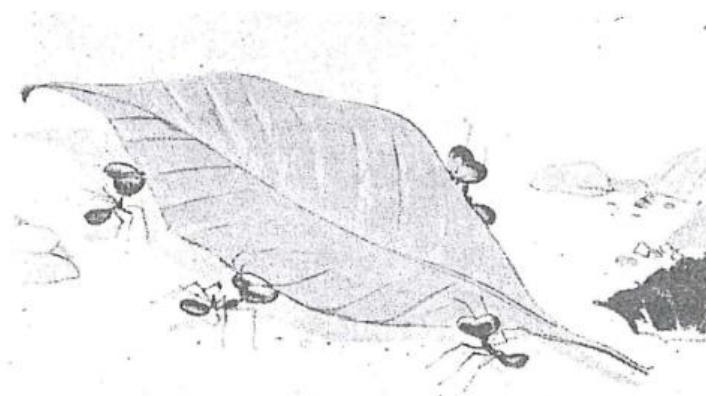
Todas as tribos tinham um cacique, ou morubixaba, e um pajé (curandeiro). Alguns índios eram antropófagos, isto é, comiam carne humana. (NOSELLA, 1978, p. 156 apud CARVALHO, p.20)

A imagem apresenta um carro com dois personagens dentro dele (parece ser um homem e uma mulher) e um índio em cima do carro, com corpo másculo, postura firme e segura, atirando uma flecha em uma onça. Um dos personagens que está dentro do carro parece incentivar a atitude do índio, levando-nos à possível interpretação de que o índio, na posição de herói, salvou os dois personagens.

O texto mostra crenças e hábitos de alguns índios. Em momento algum sua cultura foi desvalorizada ou foi inferiorizado. Apenas explicitou algumas características.

Não existem, portanto, referências que mostrem o índio como inferior ou sendo ridicularizado. Pelo contrário, na situação da imagem, foi ele que apresentou uma solução, ficou como herói para os demais que não puderam resolver a situação de ataque de um animal feroz. Não se trata de ter o índio como selvagem, sua atitude é de defesa e proteção dos outros humanos.

Por fim, vejamos uma imagem com um tema que Nosella critica diversas vezes ao longo do seu livro:



FONTE: RICCHETTI, Henrique e BRESCIA, Daisy: *A*, 2º livro, p. 42.

Interpreta que essa ilustração “mascara, sob o conceito de “união”, a dominação e exploração num relacionamento antagônico entre classes sociais diferentes” (NOSELLA, 1978, p.173). Além disso, ao longo do livro, ela analisa textos de leitura em que os animais aparecem personificados oferecendo algumas reflexões.

Os textos de leitura utilizam-se muito da simbologia animal. Os textos são histórias que trazem uma moral a ser aprendida e seguida. [...] uma realidade de forma exagerada, possibilitando ao homem defender, por meio de projeção, a educação autoritária e repressiva ou outras atitudes que não teria coragem de

defender, quando diretamente aplicadas à família humana (NOSELLA, 1978, p.147-149)

É comum que os contos carreguem valores, seja através de animais ou não. Chesterton (2013) nos dá exemplos disso, por exemplo, *Cinderela*, que ensina a lição da humildade; a *Bela e a Fera*, que mostra como é importante amar o outro mesmo que tenha características rudes. “é aquela ética e filosofia que nasceu dos velhos contos de fadas” (CHESTERTON, 2013, p.80).

Percebemos, então, que as imagens dos textos de leitura não refletem o que Nosella busca inferir. As ilustrações têm o objetivo de ilustrar e ser mais um recurso para tornar o material didático mais atraente e favorecer a compreensão da criança. Muitas vezes trazendo lições, reflexões em contextos de imaginação pra o leitor. Nosella, no entanto, realiza interpretação deslocada dos textos originais e com distanciamento da realidade apresentada no contexto do livro didático.

4.5 MATURIDADE DAS CRIANÇAS

Maria Nosella também aponta sugestões para os textos de leitura no decorrer dos capítulos. Sugere sempre que os textos sejam mais críticos e mostrem a realidade a todo custo independentemente de suas condições.

Logo na introdução de sua pesquisa a autora expressa que:

tudo isso se passa numa idade em que as crianças não possuem ainda discernimento para poderem adotar, ou não, qualquer ideologia, segundo suas opções pessoais, tendo assim seus valores, seus conceitos e sua visão de mundo determinados totalmente pela que domina. (NOSELLA, 1978, p. 13)

Percebe-se então que Nosella sabe que a idade do público dos livros didáticos analisados corresponde a uma etapa de formação muito delicada. Mas a autora parece desconsiderar esse fato ao fazer suas análises e sugestões como veremos adiante.

Uma de suas críticas sobre a descrição da família nos livros didáticos é que “jamais brigam ou discutem. Não têm momentos de preocupação, de tristeza, de mau-humor.” (NOSELLA, 1978, p. 47)

Qual a necessidade de uma criança de 6 anos se envolver com as brigas de seus pais? O texto não apresentar tal situação, não significa que os problemas familiares não existam, apenas não os expõe como algo a ser evidenciado. O normal é querer ilustrar a estrutura familiar conservadora, com os valores tradicionais. Ao

contrário, a autora espera que os livros didáticos destaquem tais problemas para esses leitores.

Vimos como a UNESCO tem agido para retirar a influência da família. Trazer explicitamente os problemas das famílias para essas crianças pode agravar ainda mais a situação de combate à família.

“Todos percebemos quanto a escola é, sempre foi e dificilmente poderá deixar de ser, um poderoso “aparelho ideológico do Estado”, um dispositivo de “reprodução social” cuja eficácia resulta de agir sobre seres vulneráveis” (POMBO, 2003, p.13)

Outro apontamento que Nosella faz sobre os livros didáticos é que, ao falarem sobre o tema Pátria, mostram “a situação econômica e política do país, não se analisam as causas reais que dificultam o seu desenvolvimento, nem que medidas poderiam promovê-lo.” (NOSELLA, 1978, p. 88). Mais uma vez, não podemos conceber uma criança em anos iniciais de formação discutir questões complicadas do desenvolvimento econômico e político do país. Poderiam talvez levantar algumas questões em sala para serem comentadas, mas não em um nível complexo para um texto de um livro.

Apresenta o seguinte texto sobre pescadores:

Jangadas do Nordeste (título).

Antes de romper o dia, os jangadeiros deixam as suas choupanas, (...), e partem para a luta no oceano.

As jangadas são empurradas para o mar por meio de dois rolos de madeira. (...).

Quando as jangadas começam a flutuar, os caboclos pulam para uma delas, em movimento,

O vestuário dos jangadeiro é simples e resistente. Calças de pano forte (...), camisa de tecido ralo, (...), chapéu de palha desabado. (...).

Assim preparados, saem para o alto mar, à procura de peixe. Não temem as ondas e os ventos. Enfrentam, com calma e coragem, as mais terríveis tempestades. E, após vários dias de luta nas águas revoltas do oceano, voltam alegres e felizes, com as jangadas carregadas de peixe. (...). Felizmente, graças à habilidade dos pescadores, é muito raro haver um naufrágio. Eles conhecem todos os segredos do mar.

Os jangadeiros do Nordeste dão a todos os brasileiros uma bela lição de coragem, de energia e de heroísmo. (NOSELLA, 1978, P. 84, apud LEITE e GENEROSO, pp. 38-39)

A autora sugere que deveriam mostrar a realidade do “medo de naufragar, as fracassadas voltas sem peixes devem ser muito mais comuns [...] suprimem a

realidade da subnutrição” (NOSELLA, 1978, p. 84-86). Algo que consideramos inapropriado a estudantes dessa idade.

No capítulo sobre os ricos e pobres, a autora apresenta crítica a partir do seguinte texto de leitura:

A Seca (título)

Não chove há meses. O homem do sertão olha com tristeza a paisagem castigada pelo Sol. Ele olha e não vê o rio. Ele olha as bicas e as cacimbas secas. Ele olha a terra esturricada e não enxerga nenhuma plantação. A contemplar a criação, morrendo de fome e de sede, ele se lembra da mulher e dos filhos [...] Um dia a notícia corre alvissareira: - Está chovendo no sertão! Não contendo sua alegria, o retirante pega a mulher e os filhos e toma o caminho de volta. Chora de alegria, com o milagre da chuva. (NOSELLA, 1978, p. 132 apud RICCHETTI e BRESCIA, p. 20)

Em sua interpretação, a autora critica a postura do texto que, segundo ela, “não é válido para o ser humano, que não volta para o seu esplendor ao ser lavado pela chuva, depois das privações que passou. [...] O problema da seca é um problema social de grande dramaticidade ainda não resolvido” (NOSELLA, 1978, p. 132). O que vimos no texto foi a triste realidade da seca que existe no Brasil e a felicidade quando volta a chover, consideramos que pensar isso como um problema social não é papel para crianças das séries iniciais.

E assim acontece em diversos momentos de sua pesquisa. Nosella sugere novos temas a serem abordados pelos textos de leitura com uma complexidade muito além do esperado para a faixa etária. Desconsidera aquilo que havia inicialmente citado sobre a imaturidade das crianças. Propõe temas que segundo ela tornariam as crianças mais críticas. Mas aparenta, na verdade, uma inversão de valores, tirando qualquer tipo de tradição e conservadorismo para inserção de um novo senso comum, mesmo sem o preparo das crianças. Nas palavras de Carvalho: “é muito importante que a influência comunista atinja sua clientela quando seus cérebros ainda estão tenros e incapazes de resistência crítica.” (CARVALHO, 2014, p. 5)

4.6 PROPOSTAS ATUAIS DO EDITAL DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

Atualmente existem critérios utilizados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para adoção dos livros didáticos. Esse processo acontece através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), programa que há muitos anos vem

trabalhando com essa política no Brasil, maior comprador de livros didáticos do mundo. Segundo o portal do MEC:

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. O programa é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento, que pode ser: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio. (BRASIL, 2017)

É divulgado edital de convocação para que as editoras participem do processo conforme as normas pré-estabelecidas. Este edital trata de dar essas informações para autores e editoras que desejam que suas obras entrem para o PNLD como material didático de escolas por todo o país.

Vamos dar destaque a algumas características que aparecem no edital e são também tratadas ao longo da análise que Nosella fez dos livros didáticos.

Dentro das características gerais do livro participante, existe a seguinte exigência: “contribuir com o fortalecimento e vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social.” (BRASIL, 2017, p. 26). Ao contrário do documento que vimos da UNESCO e da tendência de Nosella de criticar a influência da família, aqui se busca aumentar o vínculo da família. Assim, os livros didáticos devem trabalhar a questão da família fortalecendo o vínculo de seus membros e não os excluir.

Por outro lado, vemos diversos pontos que parecem coincidir com os pensamentos de Nosella.

Assim como Nosella sugere que os livros didáticos sejam mais críticos, o edital do PNLD estabelece em seus critérios de avaliação que a obra deve fornecer uma: “formação cidadã, favorecendo questões colocadas pela sociedade, ciência, tecnologia, cultura e economia” (BRASIL, 2017, p. 27). Essa indicação já é feita para as obras da educação infantil, sendo crianças de até cinco anos que já estão sendo orientadas a discutir temas complicados como a economia.

Outro ponto do edital é que será excluída aquela obra que: “Fizer doutrinação religiosa, política e/ou ideológica, desrespeitando o caráter laico e autônomo do ensino público” (BRASIL, 2017, p. 29).

O que é um pouco contraditório já que mais adiante o edital explicita que o livro será excluído se “abordar a temática de gênero segundo uma perspectiva sexista não igualitária, inclusive no que diz respeito à homo e transfobia” (BRASIL,

2017, p.30). Isso já é uma tendência ideológica que está presente hoje e não deveria ser vinculada as crianças ainda em formação de sua postura crítica.

Também será excluída a obra que “promover negativamente a imagem da mulher, desconsiderando sua participação em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, desvalorizando sua visibilidade e protagonismo social” (BRASIL, 2017, p. 30).

Essa referência é presente também no livro de Nosella. Apresenta primeiramente o seguinte texto:

Dona Olinda veio e ensinou mamãe a preparar os siris.

Seu Tônico foi logo dizendo: - enquanto a Ernestina vai preparandoum almolcho, vocês vão conhecer a chácara.

(...) fomos para a cozinha esperar o jantar. Dona Elza estava resmungando, porque o fogão não havia meio de pegar.

Na cozinha, a mulher do seu Messias estava fritando bolinhos para a gente comer com café. Outras mulheres já estavam depenando frangos e galinhas. A Lucila ficou com a vovó e a Dona Elza para ajudar na cozinha. (NOSELLA, 1978, p. 38 apud CAMARGO, p. 52)

Depois argumenta que “Neste último texto citado, assiste-se à “iniciação” da menina Lucila nos afazeres domésticos, notoriamente femininos. Há a nítida diferenciação e, por que não dizer, discriminação entre o que é *trabalho* de homem e *função* da mulher.” (NOSELLA, 1978, p. 38)

Ainda em relação aos critérios do PNLD, mais uma situação que exclui o livro didático é: “Promover postura negativa em relação à cultura e história afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros, desvalorizando seus valores, tradições, organizações [...], desvalorizando as diferenças culturais em nossa sociedade multicultural” (BRASIL, 2017, p. 30). Citamos uma ilustração em que se apresenta um índio e, pela visão de Nosella, o índio é inferiorizado, a obra contendo esta imagem seria excluída conforme sua avaliação, mas percebemos o contrário, o índio como herói.

Também fizemos referência à lenda indígena sobre a criação da noite. Para Nosella, a situação seria uma forma de esconder a explicação científica. Mas na verdade está mostrando uma cultura diferente. Então se a interpretação da autora estivesse correta, a cena estaria indo contra o edital, pois desvalorizaria as diferenças culturais.

Concluimos, então, que as críticas de Nosella, ainda que feitas ha alguns anos, condizem com um pensamento que cerca a Educação. Conforme vimos no edital atual para avaliação dos livros dos livros didáticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metacrítica realizada ao Livro *As Belas Mentiras*, de Maria Nosella, nos permitiu identificar como a autora fez suas análises e os resultados que ela chegou com suas interpretações sobre os textos de leitura das cartilhas de alfabetização e livros didáticos.

Percebemos, inicialmente, uma dificuldade teórica com o conceito de ideologia. Considerar os exemplos apresentados como pertencentes a uma ideologia burguesa é um equívoco da autora. Não podemos afirmar que os textos estão escondendo uma ideologia dominante que busca manter condições para o capitalismo.

A autora desconsidera que os temas apresentados nos textos de leitura são parte de um contexto da sociedade que é mantido pelos intelectuais tradicionais apresentados na teoria de Gramsci. São aqueles que mantêm os valores e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e a sociedade os repassa.

Percebemos uma crítica então ao conservadorismo que vem cercado a pedagogia através das correntes marxistas. A tendência que Nosella segue é de criticar os valores mantidos pela sociedade para inserir um novo senso comum. Além disso, a autora sugere, em diversos momentos, diferentes situações que deveriam ser abordadas pelos textos de leitura, como brigas familiares, situação econômica do país e o problema político da seca no Nordeste que, no nosso entender, não são adequadas para crianças no início de sua formação.

Em relação às ilustrações analisadas pela autora, são feitas interpretações descontextualizadas, sem os textos originais, com base em generalizações. Nosella desconsidera a função da imagem como estímulo e atração para as crianças.

Com base em nossos objetivos, notou-se que a análise de Nosella não é coerente com a realidade e contexto de nossa sociedade. Identificamos que Nosella se apóia em fortes teorias marxistas como o dos Aparelhos Ideológicos de Estado de Althusser, mas, por outro lado, desconsidera a questão dos intelectuais de Gramsci que seria importante para uma análise mais coerente. Percebemos ainda a tendência da autora em excluir valores tradicionais e inserir novos valores dentro dos livros didáticos das crianças.

Concluimos, então, que Nosella faz sua análise desconsiderando fatores importantes do contexto brasileiro. Atribui como ideologia burguesa tudo aquilo que foi constituído por séculos na sociedade e deseja substituir. A autora segue as novas tendências de retirar aquilo que tem sido criticado por ser conservador, como vimos de exemplo com a UNESCO e o PNLD.

6. REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Lisboa: Editorial Presença. 1980
- ANPED. **Nota de falecimento da autora Maria de Lourdes Chagas Deiró**. 2017. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/nota-de-falecimento-da-autora-maria-de-lourdes-chagas-deiro> > Acesso em: 16 de novembro de 2017
- BELL, D. **O fim da Ideologia**. Brasília, Editora da UnB, 1980. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/134405192/Daniel-Bell-O-Fim-Da-Ideologia> > Acesso em: 20 de julho de 2017
- BERNARDIN, P. **Maquiavel Pedagogo: ou o ministério da reforma psicológica**. [S.I.] Ecclesiae.2013
- BOUDON, R.; BOURRICOUD, F. **Dicionário Crítico de Sociologia**. 2ª edição. [S.I.] Editora ática.2000
- BRASIL. **Edital de Convocação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**. 2017. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/10521-pnld-2019> > Acesso em: 16 de novembro de 2017.
- CARVALHO, O. **A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci**. 3ª edição. São Paulo: Vide Editorial. 2014
- CARVALHO, O. **Ser conservador é não ser jamais o portados de um futuro radiante**. Entrevista concedida a Bruno Garschagen. [S.I.] 2008
- CHESTERTON, G. **Ortodoxia**. 1ª edição. Campinas:Ecclesiae. 2013
- COUTINHO, S. **A Revolução Gramscista no Ocidente: A Concepção Revolucionária de Antônio Gramsci em os Cadernos do Cárcere**. [S.I.] Ombro a Ombro. 2002
- GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1982.

MANNHEIM, K. **O Pensamento Conservador**. [S. l. : s. n.], 1927

MARX, K.; ENGELS. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global, 1988.

NOSELLA, M. **As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos**. 11ª edição. São Paulo: Editora Moraes. 1978

OAKESHOTT, M. **Ser Conservador**. Tradução Rafael Borges. Gabinete de Estudos Gonçalo Begonha, 2014. Disponível em: <<https://portalconservador.com/livros/Michael-Oakeshott-Ser-Conservador.pdf>> Acesso em: 16 de julho de 2017

POMBO, O. **O insuportável brilho da escola**. In: A. Renaut et al. Direitos e responsabilidades na sociedade educativa. Lisboa: FCG. 2003. Disponível em: <<http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/investigacao/brilhoescola.pdf>> Acesso em: 15 de agosto de 2017

SAVIANI, D. **Gramsci e a Educação no Brasil: Para uma teoria Gramsciana da Educação e da Escola**. In: SCNLESENER, A.H. (Org.). Filosofia, Política e Educação: leituras de Antonio Gramsci. Curitiba: UTP, 2014.

SCHWARTZMAN, S. **Ciência Universidade e Ideologia: A política do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980

SOREL, G. **Reflexões sobre a Violência**. [S. l.] Vozes. 1907

PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Minhas perspectivas profissionais, até então, são as seguintes:

- Atuar primeiramente como professora da Alfabetização, preferencialmente na escola em que realizo estágio;
- Iniciar pós-graduação Lato Sensu na área de Alfabetização;
- Prestar concurso para Secretaria de Educação e atuar como professora da educação infantil ou séries iniciais;
- Posteriormente, realizar mestrado e doutorado para continuar os estudos na área de Educação voltado para temática de ideologia e livros didáticos;
- Em um futuro mais distante, realizar cursos direcionados a Neuroaprendizagem e trabalhar com atendimentos especializados.